Iuri Gagárin Estará no Brasil Até o Próximo Dia 31

O POVO brasileiro vai conhecer Iuri Gagárin, o único homem do mundo a voar no cosmos e primeiro astronauta. O convite é oficial e foi enviado pelo Itamarati ao govêrno soviético. Segundo estamos informados, Gagárin deverá chegar ao Brasil entre os dias 28 e 31 do corrente. GAGÁRIN, cuja fama provocou uma onda incontida de entusiasmo em todo o mundo, visitou recentemente a Inglaterra sendo recebido como herói e festejado por multidões. Participou, agora, das comemorações do 26 de Julho em Havana, recebendo verdadeira consagração popular.

NOVOS RUMOS

ANO III — Rio de Janeiro, semana de 28 de Julho a 3 de Agôsto de 1961 — Nº 125

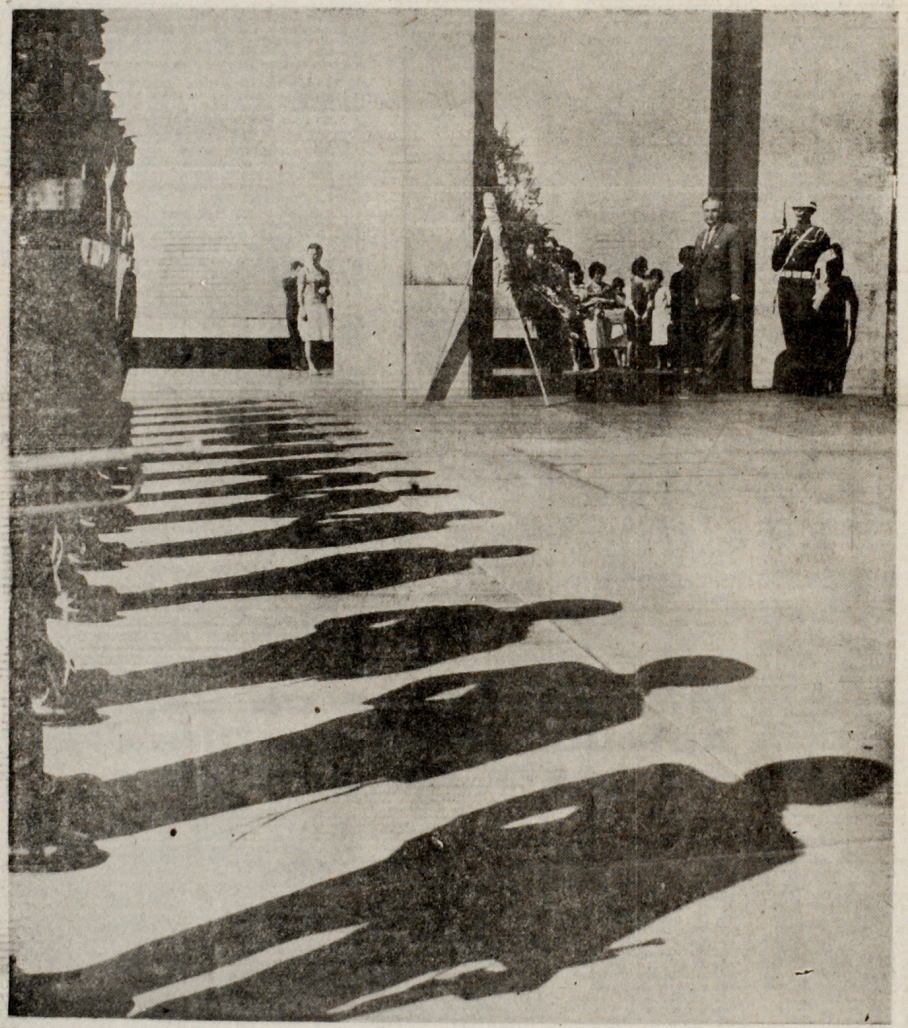
As Novas Tendências na Obra de Jorge Amado

Artigo de JACOB GORENDER na 5ª página

PLANIFICAÇÃO E CONTRÔLE

Artigo de GIOCONDO DIAS na 4ª página

BRASIL-URSS



OS POVOS da União Soviética honram os bravos soldados brasileiros que tombaram nos campos de batalha da Europa lutando contra o nazifascismo" — os membros da missão de boa-vontade soviética, durante sua permanência no Rio de Janeiro, depositaram uma coroa de flôres no mausoléu do pracinha homenageando assim aquêles que, durante a última guerra, foram companheiros de armas dos soldados do Exército Vermelho e das outras nações aliadas na luta para esmagar o fascismo. Na foto de J.Proença, o momento em que o chefe da missão M.P.Gueorgadze reverencia a memória dos heróis brasileiros.

EM SUA entrevista de têrça-feira o sr. Jânio Quadros, referindo-se aos entendimentos mantidos com a missão soviética de boa-vontade, declarou: "Examinamos também a possibilidade do reatamento de relações diplomáticas. E concordamos em que não havia dificuldades maiores". No mesmo dia, à tarde, a Agência Nacional distribuia à imprensa o texto do memorando enviado pelo presidente da República ao ministro Afonso Arinos: "Solicito de Vossa Excelência as providências necessárias ao restabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética". Resta apenas, agora, a troca de notas formais entre os governos dos dois países para que se designem, proximamente, os respectivos representantes diplomáticos e se instalem, no Brasil e na URSS, as Embaixadas.

O REATAMENTO das relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética é saudado calorosamente por tôdas as fôrças patrióticas e progressistas, que vêm há anos lutando por essa reivindicação. (Na 3ª página damos amplo noticiário acêrca da visita da missão soviética de boa vontade ao nosso país).

26 de julho: Cuba festeja revolução

COM a presença de Iuri Gagárin e de delegações formadas por milhares de pessoas de quase todos os países, Cuba festeja triunfalmente o 26 de julho — data que marca o início da luta armada contra a ditadura de Batista. Em Havana e nas demais províncias de Cuba gigantescas manifestações populares estão sendo realizadas. Todo o país é uma festa imensa: o povo comemora, transbordante de alegria, os dois anos e meio de Govêrno Revolucionário e a vitória sôbre os agressores norte-americanos. Num desfile prévio, por motivo da chegada de Gagárin a Havana, dezenas de milhares de pessoas saudaram delirantemente o desbravador do espaço cósmico, que tinha ao seu lado o primeiro ministro Fidel Castro e o presidente Oswaldo Dorticós. Aviões a jacto Mig participaram do desfile.

UM COMÍCIO monumental teve lugar na Praça Cívica, na capital cubana, sob o monumento a Martí. Gagárin e Fidel foram oradores. Em todo o país realizam-se inúmeros atos, enquanto o Govêrno Revolucionário recebe mensagens de solidariedade de tôdas as partes do mundo.

EM VÁRIOS países realizam-se também manifestações populares de apoio à revolução cubana, particularmente na América Latina, cujos povos têm em Cuba a sua vanguarda na luta contra o imperialismo norte-americano em nosso Continente. No Brasil, além do ato promovido na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, no Rio, estão sendo promovidas reuniões em todo o país, nas quais o nosso povo reafirma a sua combativa solidariedade à revolução cubana e ao govêrno de Fidel Castro.

O Único Caminho

Orlando Bomfim Jr.

O PRESIDENTE Jânio Quadros já determinou ao ministro Afonso Arinos sejam tomadas as providências necessárias ao restamento de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. Informa-se ainda que o ato será formalizado através das embaixadas dos dois países em Washington.

PARA êsse resultado influiram sem dúvida diversos fatôres, internos e externos, de natureza objetiva. Como desconhecer a realidade, cada vez mais vigorosa e pujante, do grande país socialista, que em 1965 será o primeiro do mundo pela produção industrial e que em 1970, ou mesmo antes, ultrapassará, também na produção "per capita", o maior país capitalista? Como deixar sem resposta as exigências de expansão da economia brasileira, que busca novos mercados com a ânsia de uma necessidade já difícil de ser reprimida?

MAS é igualmente certo que o reatamento assinalará a vitória de uma luta, muitas vêzes dura e desigual, travada contra fôrças que lançaram mão de todos os recursos, da mistificação à violência, na tentativa de impedir que êsse passo fôsse dado. No princípio, as vozes que se levantavam em defesa da medida justa soavam aparentemente como pregação no deserto. Entretanto, não silenciaram. Seu vigor tinha raiz na circunstância de que formulavam uma reivindicação nacional. Seus opositores, iludidos ou conscientes, representavam, na realidade, os desejos dos monopolistas norte-americanos, para os quais, segundo expressão que sem pudor empregavam, nosso país não passa de um quintal, que deve ficar cercado a fim de continuar a ser rendoso. Vão prevalecer, afinal, os interêsses do Brasil. Venceu o nosso povo.

O ATO anunciado pelo govêrno brasileiro tem o sentido de uma afirmação de soberania e contribui, ao mesmo tempo, para o entendimento e a paz entre os povos. Abre, igualmente, novas possibilidades para que se dê solução aos problemas fundamentais que o país enfrenta. "O povo soviético compreende bem — afirmou Kruschiov em sua mensagem trazida pela Missão de Boa Vontade — a aspiração do povo brasileiro de fortalecer a economia nacional, de libertá-la da influência estrangeira. Sabemos por nossa própria experiência — acrescentou — que é o único caminho capaz de garantir a elevação do bem-estar da Nação. Desejamos sinceramente ao Brasil sucessos nesse caminho."

PALAVRAS inequívocas e certas. Outra não é, realmente, a aspiração do nosso povo. E outros não são — e nem poderiam ser — os desejos do govêrno e dos povos soviéticos. Desnecessário se torna, a esta altura dos acontecimentos internacionais, uma argumentação teórica em tôrno da essência do imperialismo, que se nutre da exploração de outros povos, e da essência do socialismo, que não exporta capitais e nem opressão e busca, dentro do respeito à soberania e à igualdade de direitos, a ajuda recíproca e a cooperação frutífera. Aí estão os fatos mostrando, em todos os continentes, como concretamente age o govêrno da URSS. Cuba é o exemplo na nossa própria família latino-americana. A ilha revolucionária, ao expulsar os monopólios ianques, encontrou no campo socialista apoio fraternal e decisivo, não para substituir um opressor por outro, mas para tornar-se uma nação efetivamente próspera e livre.

TUDO isso significa também que não será através da submissão à política econômico-financeira ditada pelo FMI, que o sr. Jânio Quadros vem seguindo, nem de barganhas com o Departamento de Estado, como se pretende fazer na Conferência da OEA em Montevidéu, que encontrará nosso povo o rumo certo de sua completa emancipação, da prosperidade e do bem-estar. Ao contrário. A necessidade que em primeiro lugar se coloca ante os interêsses nacionais é a de livrar nossa Pátria da opressão e da exploração imperialistas. É a de livrar nossa economia da espoliação dos monopólios estrangeiros. Êsse, realmente, o único caminho. Por êsse caminho nosso povo há-de seguir.

Divisionistas realizaram «congresso» em São Paulo

Texto na 6ª pág.

Escola Pública e Reforma Universitária Elegem Diretoria da UNE

Texto na 5ª página

40º aniversário do Partido Comunista da China

Disc. de LIU SHAO SHI na 7ª pág.

Posseiros Responderam à Bala Violências Dos Grileiros

Reportagem de RUI FACÓ na 8ª página

Dep. Lycio Hauer: A Injustiça do Senado Contra o Funcionalismo

ARTIGO NA 2ª PÁGINA

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH — ARQUIVO STADO DO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILIANO

BIBLIOTECA NACIONAL — 1890-1965

Sindicatos Estudam Planos Para Mudar Salário Mínimo

Líderes sindicais de todo o país voltarão a reunir-se no dia 9 de setembro próximo, no Palácio do Metalúrgico, Estado da Guanabara, para uma troca de opiniões sôbre como orientar a campanha pela revisão dos atuais níveis de salário mínimo em todo o território nacional.

Na mesma reunião, os representantes das entidades sindicais deverão pronunciar-se sôbre o anteprojeto de lei a ser enviado ao Congresso Nacional, alterando a atual legislação referente ao salário mínimo.

CONSULTA

Nos dias 8 e 9 do corrente, por determinação do II Encontro Nacional dos Dirigentes Sindicais, realizada em Belo Horizonte, representantes dos órgãos intersindicais dos Estados reuniram-se na Guanabara, para coordenar algumas medidas destinadas à aplicação das resoluções de Belo Horizonte. Nessa reunião foi eleito um secretariado provisório, que ficou encarregado de fomular tanto as bases da campanha pelo nôvo salário mínimo, como as do anteprojeto alterando a legislação sôbre o referido salário.

Êsse secretariado ficou encarregado de enviar cópias do seu trabalho para tôdas as organizações intersindicais dos Estados, a fim de que as mesmas as submetam à apreciação dos trabalhadores. Essas cópias deverão chegar aos Estados até o dia 9 de agôsto próximo, a fim de permitir que na reunião do dia 9 de setembro, na Guanabara, possa ser formulada uma opinião definitiva sôbre os dois assuntos em pauta.

REUNIÃO DAS COMISSÕES

Independentemente de qualquer outra medida que venha a ser sugerida, líderes sindicais de todo o país já estão recebendo recomendação para que se dirijam às autoridades governamentais, principalmente ao presidente da República e ao ministro do Trabalho, solicitando: 1) recomposição e convocação imediata de tôdas as Comissões Regionais de Salário Mínimo; 2) determinação ao SEPT (Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho), para que promova a imediata atualização dos índices do custo de vida, a partir de setembro de 1960.

ALTERAÇÕES

Sem prejuízo da campanha pela revisão dos atuais níveis de salário mínimo, os líderes sindicais decidiram promover, por outro lado, uma vigorosa campanha junto ao Congresso Nacional, tendo em vista conseguir a aprovação de um projeto de lei que institua o salário mínimo regional, em conformidade com o parágrafo I do art. 157 da Constituição Federal, que determina: "Salário mínimo capaz de satisfazer, conforme as condições de cada região, as necessidades normais do trabalhador e de sua família."

A Constituição Federal manda assegurar o salário mínimo capaz de satisfazer as necessidades tanto do trabalhador como as da sua família. Mas o cálculo para estabelecimento do referido salário é feito apenas na base das necessidades do trabalhador individualmente.

Essa é uma irregularidade que o movimento sindical quer corrigir. Mas há uma outra: é que nem tôdas as despesas forçadas do trabalhador entram no cálculo do seu salário. É o caso dos 8% de contribuição para o Instituto, das despesas com educação e recreação.

Outros aspecto que está sendo objeto de estudos da comissão encarregada de elaborar o anteprojeto sôbre o salário mínimo é o relacionado com a data da vigência dos novos salários. Os trabalhadores, considerando a controvérsia que surge sôbre o assunto, reclamam que se torne claro, na nova lei, que o salário mínimo entrará em vigor na data da sua publicação no Diário Oficial.

Por outro lado, tendo em vista o desenvolvimento do processo inflacionário, que reduz pràticamente o poder aquisitivo dos salários, os líderes sindicais estudam a inclusão de um item no referido anteprojeto, estabelecendo que os níveis de salário mínimo poderão ser revistos em qualquer época, desde que se evidencie uma sensível elevação nos índices do custo de vida. Atualmente, só após um ano de vigência do salário mínimo é facultada a sua revisão.

CONVENÇÃO DOS TRABALHADORES EM PETRÓLEO

A I Convenção Nacional dos Trabalhadores na Indústria Petrolífera será realizado na Cidade de Salvador, Bahia, de 29 de setembro a 3 de outubro do corrente. O conclave contará com a representação dos operários na indústria do petróleo dos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Maranhão, Pará, Amazonas, etc.

O temário da convenção, elaborado pelos líderes sindicais que participam da sua comissão organizadora, inclui os seguintes pontos:

I) Estrutura da indústria petrolífera brasileira: a) papel histórico dos trabalhadores; b) Petrobrás como fator de emancipação econômica; c) conjuntura e problemas atuais.

II) Situação dos trabalhadores da indústria petrolífera: a) aspectos sociais e econômicos; b) legislação trabalhista; c) contrato coletivo de trabalho.

III) Declaraçãq de Princípios e resoluções.

A INJUSTIÇA DO SENADO CONTRA O FUNCIONALISMO

Deputado Lycio Hauer

O Senado da República, malgrado o esfôrço de alguns ilustres senadores, com o sr. Gilberto Marinho à frente, votou politicamente, apoiando o sr. Jânio Quadros, mas cometendo grande injustiça contra o funcionalismo.

O decreto n. 50.273, de 16 de fevereiro de 1961, por meio do qual o sr. Jânio Quadros alterou a tradicional e consuetudinária jornada de trabalho dos servidores do Estado, fonte dos decretos n. 6.192, de 30-8-1940, e 26.295, de 31-1-40, que fixaram a jornada de 33 horas semanais, em geral, veio ferir em profundidade, e abruptamente, todo o sistema que imperava, causando sérios transtornos à vida da nação.

Juridicamente, o citado decreto do sr. Jânio Quadros está eivado de irregularidades. Com o aumento de horas de trabalho que do mesmo adveio, sem a correspondente concessão da gratificação dos serviços extraordinários prevista em lei, foram violados, em primeiro lugar, o artigo 4º da lei 1711, de 28-10-52 (Estatuto do Funcionalismo), que veda a prestação de serviços gratuitos e, em segundo lugar, o artigo 150 e seu item II, da mesma lei, que determina seja o serviço extraordinário «pago por hora de trabalho, prorrogado ou antecipado».

Preconizando, como preconiza, na confusão que estabelece entre horário de trabalho do servidor e horário do funcionamento da repartição, um regime de trabalho incompatível com o exercício cumulativo de cargos, empregos ou funções, bem como de qualquer outra atividade pública ou privada. (tal é o entendimento que dimana do parágrafo único de seu artigo 3º), o decreto n. 50.273 determina, de um modo geral, o regime de «tempo integral», previsto em lei (artigo 49, da lei 3.780, de 12-7-60 — Plano de Classificação), para certas atividades, sem assegurar a opção nesse mesmo artigo prevista e a remuneração correspondente, com clara violação do artigo 50, da citada lei 3.780.

Socialmente, tal decreto foi de péssimo efeito, pois que retirou o servidor de suas atividades privadas, algumas de grande utilidade social, ao mesmo tempo, em que reduziu, por vêzes em 50%, a receita mensal do funcionário, receita essa já comprometida em compras a prazo.

Nem a execução do decreto posterior, permitindo-as e reconhecendo situações de fato, veio sanar seus desastrosos efeitos. Ao contrário, criou nas repartições um ambiente de exceção de péssima repercussão psicológica, quer contra a administração, quer contra o próprio funcionalismo, gerando inimizades e, portanto, desunindo a classe, que no seu próprio bem, deve ser cada vez mais unida e coesa.

Na Câmara dos Deputados, buscamos corrigir a tremenda injustiça praticada pelo sr. Jânio Quadros, mantendo o «statu quo» anterior ao infeliz decreto janista, e estabelecendo, como regra geral, o regime de trabalho contínuo, ressalvadas as situações especiais existentes.

Constitucionalmente, embora em exame menos profundo pareça o contrário, acreditamos que ao presidente da República falece competência, para aumentar o horário de trabalho sem o pagamento da correspondência gratificação, consoante manda a lei.

Há evidente relação legal entre a remuneração e a jornada de trabalho. O funcionário percebe determinado vencimento para prestar certo número de horas de serviço. Não o fazendo totalmente, ou o fazendo em parte, violando, pois, a relação existente, perde, por conseguinte, a remuneração, no todo ou em parte (artigo 122, itens I e II, da lei 1711 citada).

Prorrogado o horário de trabalho, receberá o servidor a gratificação correspondente (artigos 145, item III, e 150, itens I e II, parágrafos da lei 1711), sendo vedado o trabalho gratuito (artigo 4º).

A Constituição não permite que o Poder Executivo fixe, sem a interveniência do Poder Legislativo, os vencimentos dos servidores públicos. São os mesmos, pois, fixados em lei para pagamento de determinado número de horas de trabalho, prèviamente conhecido.

Isso pôsto, argumentando «ad absurdum», pudesse o número de horas de trabalho ser alterado, para mais ou para menos, ao alvedrio do presidente da República, se o mesmo por decreto, reduzisse a jornada diária a cinco minutos ou a elevasse a 24 horas por dia, estar-se-ia, evidentemente, diante de absurdos: no primeiro caso, mantida a mesma remuneração, seria ela excessiva para tão breve prestação de serviço, estaria violada a lei que fixou a remuneração para horário bem maior, e burlada ficaria à vontade dos legisladores; no segundo caso, além de semelhante violação legal, estariam ainda contrariadas as leis naturais que regulam a própria vivência humana.

Não devem os servidores, pois, aceitar de braços cruzados a atual situação.

A Câmara de Deputados deverá renovar o projeto de horário corrido de 33 horas pela sua maioria.

Mas só o funcionalismo, reagindo eficazmente, por intermédio das suas organizações, poderá fazer com que ou o Senado adote o nôvo Projeto da Câmara, ou o sr. Jânio Quadros volte atrás na sua demagógica arbitrariedade.

Austeridade de Jânio e Frondizi Aumenta a Fome Dos Trabalhadores

Nilson Azevedo

Os jornais noticiaram, na semana passada, o êxito da greve geral que o proletariado argentino realizou, protestando contra a política de austeridade econômica inaugurada pelo govêrno Frondizi, há mais de dois anos. Até mesmo a polícia provincial aderiu ao poderoso movimento grevista, reclamando a elevação do seu sôldo.

Tanto a política econômica que Frondizi realiza na Argentina, como a que Jânio realiza no Brasil, tem a mesma fonte inspiradora — o Fundo Monetário Internacional, e propõem-se ambos, o mesmo objetivo: alcançar o "equilíbrio" orçamentário às custas dos trabalhadores e d[illegible] maior dependência [illegible]

Contra essa política, tanto [illegible] levantam-se [illegible] lugar os trabalhadores. A greve geral do proletariado argentino, realizada com pleno êxito no dia 18 do corrente, revela o repúdio das massas à política do FMI.

Quando assumiu o govêrno, o presidente Jânio Quadros pediu aos trabalhadores e ao povo um crédito de confiança. Fêz um apelo patético à classe operária para que se abstivesse de reivindicar melhoria salarial durante um ano, a fim de lhe permitir sanear a moeda do país e restabelecer a "verdade salarial".

Frondizi, há mais de dois anos passados, fêz coisa parecida. Solicitou compreensão e sacrifício da classe operária argentina para realizar uma política de "redenção," de abastança "para todos" num futuro próximo. Passaram-se os meses e os anos e os resultados da política ditada pelo Fundo Monetário Internacional foram revelando-se cada vez mais desastrosos para a economia da Argentina e, em particular, para as massas trabalhadoras.

Os salários foram pràticamente congelados, enquanto o custo da vida continuava a subir. A chamada austeridade nos gastos e a retração no crédito para a indústria e o comércio nacionais determinaram o desemprêgo em massa. A miséria entre as massas assalariadas cresceu em proporções alarmantes. Os trabalhadores tiveram de reagir à altura, exigindo a modificação de tal política. Uma das grandes manifestações, nesse sentido, foi a greve de mais de um milhão de trabalhadores, realizada no corrente mês.

Torna-se claro, ante o exemplo argentino, que o proletariado brasileiro não tem porque esperar o futuro de "abastança" prometido pelo presidente Jânio Quadros. Se alguma esperança houvesse, na política de sacrifício tão ardentemente defendida pelo min. do Trabalho e pelo sr. Jânio Quadros, sacrifícios apenas para os trabalhadores, bastaria o exemplo da Argentina, para se concluir que a chamada política de austeridade significa apenas mais miséria para os trabalhadores, tanto no presente como no futuro.

O presente, com a política de "austeridade", nós o temos aqui no Brasil. Êle começou com a elevação da jornada de trabalho dos funcionários públicos e autárquicos; continuou com a redução nos vencimentos de milhares de servidores, que tiveram extintos o prêmio de periculosidade que recebiam; prolongou-se com a demissão de outros milhares de servidores, brutalmente lançados ao desemprêgo. O presente da política de "austeridade" econômica do presidente Jânio Quadros está ainda marcado pela demissão dos 400 operários da Fábrica Nacional de Álcalis, na demissão dos 500 operários da Fábrica Nacional de Motores, na demissão de centenas de marítimos, na ameaça de extinção de inúmeros ramais ferroviários e do fechamento de várias ferrovias.

Por outro lado, ao contrário da prometida contenção do custo da vida e da "distribuição de sacrifícios" para todos, o que temos é a alta precipitada nos preços das tarifas de ônibus, bondes, luz, energia, gás, telefone. A alta assustadora dos aluguéis das casas de moradia, dos preços dos gêneros de primeira necessidade, inclusive do pão e do leite. Os trabalhadores tornando-se cada vez mais sacrificados, muitos sem terem sequer o direito de trabalhar para comprar um pedaço de pão, enquanto cresce a riqueza dos que já eram muito ricos. Êsse é o presente da política do presidente Jânio Quadros.

O futuro dessa política, não temos porque esperá-lo. Êle já está realizado na Argentina, com os salários dos trabalhadores congelados, com os sindicatos sob intervenção policial, com o desemprêgo levando as massas operárias à mais deplorável situação de fome e miséria. Os trabalhadores brasileiros aprendem com a experiência dos seus irmãos argentinos e opõem-se, cada vez com mais energia, a essa política econômica e financeira desastrosa do presidente Jânio Quadros.

Ao apêlo para que apertem os cintos, os trabalhadores só podem responder com o vigor crescente das lutas por melhores salários, intensificando, ao mesmo tempo, a luta para que seja realmente alcançado o futuro de "abastança". Futuro que sabem não será conseguido com a atual política econômica do govêrno, mas com a realização da reforma agrária, com o fornecimento de crédito, assistência técnica e meios de transporte aos lavradores; com a nacionalização das emprêsas concessionárias de serviços públicos; com a limitação da remessa de lucros para o exterior; com a participação dos trabalhadores nos órgãos de abastecimento e contrôle dos preços dos gêneros alimentícios e das utilidades; e com a intensificação do nosso comércio com os países socialistas.

Ao invés da contenção ou restrição da atividade da Companhia Siderúrgica Nacional, da Petrobrás, da Fábrica Nacional de Motores, da indústria de construção naval, da indústria de material ferroviário, da Fábrica Nacional de Álcalis, etc, os trabalhadores exigem a sua ampliação. Ao invés de desemprêgo, os trabalhadores exigem trabalho e remuneração condigna para todos. Ao invés da limitação dos seus direitos sindicais e democráticos, os trabalhadores exigem respeito às liberdades consignadas em lei e a conquista de novos direitos, inclusive o de legalidade para o seu partido político, o Partido Comunista.

Não há como se equivocar com os resultados da atual política econômica do presidente Jânio Quadros. Os motivos — fome e desemprêgo — que levaram o proletariado argentino à gigantesca greve geral do último dia 18, deixam claro o futuro que nos está reservado pela política ditada pelo Fundo Monetário Internacional. O presidente, nós o conhecemos de sobra.

CUBA, TERRITÓRIO LIVRE DA AMÉRICA

Já está nas bancas e livrarias do Rio e de São Paulo, o nº 2/3 de PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Além das secções habituais, esta edição publica um interessante trabalho de K. Bruteuts sob o título **Cuba, território livre da América** no qual analisa as transformações que se operam no pequeno país das Antilhas depois da Revolução.

Ainda outros artigos se encontram no nº 2/3 de PPS: **A ajuda imperialista, instrumento de opressão. África, Continente do futuro** e prossegue, neste número, o intercâmbio de opiniões sôbre a questão agrária e o movimento de libertação nacional. Na secção de **Livros e Revistas** se publica, de W. Forter, um estudo da História do Povo Norte-Americano.

Este número de PPS está rico de materiais pela sua variedade e pelos assuntos de natureza política, econômica e ideológica que oferece aos seus leitores.

Para atender a pedidos de assinaturas e agências dirigir-se à rua da Assembléia, 34, sala 304. Preço da atual edição (2 números geminados) Cr$ 50,00. Peça também o nº 1 ainda nas bancas: preço Cr$ 30,00.

CONTINUA A GREVE NO FRIGORÍFICO DE NILÓPOLIS

NILÓPOLIS (Do correspondente Diogo Soares Cardoso) — Continua firme a greve dos trabalhadores do Frigorífico de Nilópolis. O sr. Herval Nogueira, gerente concessionário, fugiu a todos os encontros marcados e, finalmente, informou que iria dentro de 72 horas resolver entregar o Frigorífico ou a um credor ou à Prefeitura de Nilópolis. Acontece, porém, que o sr. Alfredo de Almeida Alentejano, prefeito daquêle município, não está querendo assumir essa responsabilidade, o que é mal para um homem público, eleito pelo povo nilopolitano para defender os seus interêsses, e cuja intervenção deve ser em defesa do patrimônio municipal e para que não falte o alimento principal do povo, a carne.

Fomos informados que o sr. Gilberto Rodrigues, advogado do proprietário das bodas, naturalmente de acôrdo ou com a aquiescência do usineiro de Campos e concessionário do Frigorífico, impetrou mandado de segurança no sentido da retirada dos 385 bois existentes no Matadouro. O juiz substituto, sr. Herculano de Mattos Filho, concedeu a liminar. Já foram retirados os bois, porque só com a ordem do juiz os trabalhadores, organizados em seus piquêtes, permitiram a retirada do gado.

Os trabalhadores estão apelando ao povo e à organizações sindicais para uma firme solidariedade e ajuda financeira aos grevistas, pois as suas famílias estão passando grandes dificuldades.

Os trabalhadores estão convencidos de que não podem contar com as autoridades. Os direitos dos trabalhadores, consignados na Constituição, só são respeitados se êles lutarem com decisão.

Defende Teu Direito

B. Calheiros Bonfim

ACUMULAÇÃO DE EMPREGOS. O simples segundo emprêgo conhecido e consentido por quem de direito, não constitui falta alegável para a rescisão do contrato com a primeira empregadora, sòmente podendo afetá-lo na medida em que vierem a se chocar os interêsses com reflexos na prestação dos serviços do empregado. Ac. TRT, 1a. Reg. (Proc. 2.773/60), Rel. Desemb. Simões Barbosa, julgado em 20-3-61.

GREVE. O Dec.-lei 9.070 diz, expressamente, no parágrafo único do art. 9º, considerar-se justificada a cessação do trabalho quando não cumprida a decisão normativa. Como é evidente, não pode o empregado, em tal hipótese, perder os salários nos dias de greve, precisamente porque as faltas são aí legalmente «justificadas». Nem se compreenderia que a lei autorizasse o empregado a entrar em greve para compelir o empregador a pagar-lhe o aumento determinado pela Justiça e perdesse êle os salários dos dias de greve. Tanto mais quanto o art. 11 do mesmo Dec.-lei sujeita os empregadores, na falta de cumprimento das sentenças normativas, ao pagamento dos salários em dôbro. Ac. TST — Pleno (Proc. 1.232/59), Relator Ministro Délio Maransão, «Ementário Trabalhista», junho-1961.

INDENIZAÇÃO. As parcelas referentes ao descanso semanal e feriados, prêmio-assiduidade, adicional tempo de serviço, abono de família desde que pagas constantemente ao empregado compõem a remuneração dêste, distinguindo-se do salário, pelo que, na forma do art. 477 da Consolidação das Leis do Trabalho, integram o cálculo indenizatório na rescisão contratual. Ac. TST 3a. Turma (Proc. 3.751/60), Relator Ministro Hildebrando Bisaglia, julgado em 20-12-60.

QUADRO EM CARREIRA. — Só se considera legalmente existente quadro organizado em carreira, quando, além do escalonamento, admita, de forma objetiva o acesso dos empregados aos diversos graus, através de promoções baseadas em critérios de antiguidade e merecimento. Ac. TRT 3a. Reg. (Proc. 2.600/60), Relator Juiz Vieira de Melo, julgado em [illegible]-2-61.

REPOUSO REMUNERADO. Para fazer jus ao recebimento dos repousos semanais e dos feriados, deverá o empregado cumprir integralmente o horário a que está obrigado. Ac. TRT, 3a. Reg. (Proc. 2.763/60), Relator Juiz Luiz Carlos Portilho.

Entendeu a decisão recorrida que a freqüência exigida para o direito à percepção ao repouso semanal corresponderá ao número de dias em que o empregado tiver de trabalhar. Assim, o empregado contratado para trabalhar dois dias da semana, desde que cumpra o horário contratual, com a prestação de serviço nesses dias, faz jus ao descanso remunerado. Não importa que o reclamante trabalhasse exatamente aos domingos, pois a lei prevê a hipótese das emprêsas que necessitam de trabalho aos domingos reservando outro dia para o gôzo do descanso semanal. — Como salientou a Procuradoria, a situação não é anômala, porquanto prevista na Lei 605, cujo art. 6, § 3º, prescreve que nas emprêsas em que vigorar o regime de trabalho reduzido, a freqüência exigida corresponderá ao número de dias em que o empregado tiver de trabalhar. Tal dispositivo se conjuga com o art. 9º, que prevê o pagamento em dôbro da remuneração, quando impossível a suspensão do trabalho pela condição da execução do serviço. Apenas o art. 6º, § 2º, excetua os elencos teatrais e congêneres. Ac. TST, 1a. Turma (Proc. 1265/60), Relator Ministro Bezerra de Menezes, «Ementário Trabalhista», julho-1961.

VENDEDOR. É empregado e não trabalhador autônomo o vendedor pracista sujeito ao comparecimento diário na emprêsa, fiscalizada a sua produção e pago, além de comissão, com parcela fixa mensal. No caso, o reclamante assinava ainda livro de presença ou de ponto sendo-lhe exigido, também, teto de vendas. Além do mais, recebia êle ajuda de custo fixa mensal, a se configurar como sôbre-salário. Ac. TRT, 3a. Reg. (Proc. 121/61), Rel. Juiz Newton Lamounier, julgado em 6-3-61.

Jornalistas em Congresso: Direitos e Liberdade

Friburgo será palco, em setembro próximo, durante 7 dias (de 21 a 27), do IX Congresso Nacional dos Jornalistas, manifestação máxima dos homens da imprensa brasileira, da qual êste ano deverão participar centenas de delegados representantes das entidades de classe de todos os Estados do Brasil.

O certame, de cuja importância fala o temário, deverá consolidar mais ainda a unidade dos jornalistas consagrada nos congressos anteriores, assim como encaminhar a batalha para a conquista das mais reclamadas reivindicações da classe.

Um temário de quatro pontos foi apresentado pela comissão organizadora do Congresso: I — *A profissão de Jornalista*, que prevê a discussão dos problemas relativos ao exercício da profissão; do registro profissional; previdência social; salários; preparação e aperfeiçoamento dos jornalistas. II — *A indústria do Jornal*, que prevê a discussão dos problemas relativos ao funcionamento, aparelhamento, financiamento, serviços e acesso às fontes de informação III — *A imprensa e a Nação*, que prevê a discussão de questões relativas à libertade de imprensa, defesa dos interêsses nacionais e criação da agência brasileira de informações.

MG: Bancários da Capital Aplaudiram Nova Diretoria na Festa do Sindicato

B. HORIZONTE, julho (do Correspondente ERDIR NUNES) — No Teatro Francisco Nunes, desta capital, realizou-se no dia 2 a solenidade de posse da nova diretoria do Sindicato dos Bancários. O ato foi assistido por centenas de pessoas e a êle compareceram, oficialmente, representantes do governador do Estado, do prefeito Municipal, secretários do Estado e dirigentes sindicais de outras categorias e líderes estudantis.

A solenidade foi aberta pelo presidente da diretoria que terminava o seu mandato, sr. Fausto Drumond, que apresentou um amplo relato das atividades da entidade durante sua gestão. Falaram também saudando os novos diretores do Sindicato, entre outros, Odilon Miranda, delegado do Sindicato Nacional dos Aeroviários em Belo Horizonte; José Alexandre, presidente Federação dos Mineiros, e um representante do Diretorio Central dos Estudantes.

O nôvo presidente da entidade, João Alves Vieira, encerrou a solenidade pronunciando um vigoroso discurso em que destacou a decisão de continuar a luta pela melhoria das condições de vida dos bancários, por um salário condigno para a classe e pelo contrato coletivo de trabalho, pela melhoria da assistência aos associados e pelo fortalecimento da CONTEC.

Referiu-se também o presidente da entidade, em seu discurso, ao apoio da classe externa independente para se bancária a uma política o Brasil, a defesa da autodeterminação dos povos e prestou homenagem ao povo cubano e a todos os povos que lutam contra a dominação colonial.

A NOVA DIRETORIA

A nova diretoria do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte está assim constituída: presidente, João Alves Vieira; vice-presidente, Antônio Lopes Faria; secretário, Anibal Tôrres Franco; tesoureiro, Alberto Santos; procurador, Roberto de Oliveira Prates; Diretor Social, Osvaldo Machado Santos; Diretor de Propaganda, José Borghione.

Para o Conselho da Federação foram escolhidos: João Vieira, Antônio Faria e Anibal Tôrres Franco.

Reunido o III Congresso Dos Trabalhadores Metalúrgicos

Representantes de cêrca de 700 mil trabalhadores metalúrgicos de todo o país encontram-se reunidos desde o dia 26 do corrente, em Belo Horizonte, no III Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico do Brasil.

O conclave, que se encerra no dia 29 do corrente, conta com a participação de representantes da Federação Sindical Mundial e da Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres, através de seus departamentos profissionais. Trabalhadores de vários países, inclusive da Polônia, da Alemanha, do México e do Canadá enviaram suas saudações aos congressistas.

O conclave, em que estão presentes cêrca de 300 delegados, assessôres e membros natos, debate o seguinte temário:

a) Estrutura Sindical no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional;

b) Justiça do Trabalho e Legislação do Trabalho;

c) Situação econômica e seus reflexos na vida do trabalhador;

d) Aplicação da Lei Orgânica da Previdência Social;

e) Proposições e mensagens.

Qualquer informação sôbre o Congresso poderá ser obtida na sede da Federação dos Metalúrgicos de Minas Gerais, rua Bahia, 570, 5º andar, telefones 2.8873 e 2.8390.

Bancários: Excesso de Trabalho Causa de Elevado Índice de Enfermidades Mentais

GARANHUNS, julho (do correspondente) — Solidarizando-se integralmente com a denúncia formulada pelo Sindicato dos Bancários do Recife a respeito da situação da classe bancária, no que se refere às condições do trabalho, os empregados em estabelecimentos bancários desta cidade pernambucana, através do seu sindicato, divulgaram boletim em que descrevem a situação dos bancários de Garanhuns.

«Nossos colegas — afirma o boletim — em conseqüência do permanente e excessivo esfôrço e concentração mental a que os obriga o trabalho em bancos; como resultante do prolongamento dêsse horário por muitas horas além do limite legal (que existe para proteger-lhes a saúde); em função também da falta de qualquer remuneração extra que pudesse servir para minorar suas condições de vida, baixas em virtude dos míseros salários; por tudo isto, enfim, nossos colegas bancárias estão sendo vitimados em número crescentemente maior, por doenças psíquicas. Servimo-nos de dados oficiais para comprovar as desastrosas conseqüências de tais abusos. Damos, abaixo, os internamentos hospitalares de bancários, em 1960. Verifique-se a proporção de doenças mentais:

Psiquiatria, 15 a 25 leitos. dia; obstetrícia, 4 a 20; Cirurgia, 3 a 29; diversos, 1 a 15».

O Sindicato de Garanhuns, completando a denúncia formulada pelo Sindicato do Recife ao delegado regional do trabalho, endereçou telegrama ao presidente da República e ao ministro do Trabalho, solicitando a intervenção dos mesmos no sentido de se coibir os abusos que vêm sendo praticados contra a classe bancária pernambucana.

Iliuchin - 18 Voou de Norte a Sul Levando Mensagem de Paz e Amizade

"Devemos nos conhecer melhor... Paz e amizade... O fortalecimento das relações amistosas entre o Brasil e a URSS é o desejo dos dois povos" — os objetivos que trouxeram a missão de boa vontade soviética ao Brasil foram coroados de êxito. As conversações mantidas durante os 8 dias de permanência da delegação da URSS em nosso país com as mais altas autoridades da República, governadores de três Estados e representantes da indústria e do comércio em São Paulo e no Rio Grande do Sul, indicam que os resultados obtidos foram frutíferos. Um passo a mais — e importante — foi dado no sentido da normalização e do futuro desenvolvimento das relações entre o Brasil e a URSS, em todos os terrenos.

"As diferenças existentes entre as nossas condições políticas não podem nem devem impedir o intercâmbio pacífico, tanto de natureza econômica como de natureza diplomática" — declarou o ministro do Exterior, sr. Afonso Arinos, no Itamarati, durante a cerimônia de outorga da Ordem do Cruzeiro do Sul — a mais alta condecoração do govêrno brasileiro a representantes de países estrangeiros — aos membros da missão soviética. E, acrescentou: "Temos a esperança de que, em breve, poderemos restabelecer relações políticas e diplomáticas com o vosso país".

UM IL-18 NOS CÉUS DO BRASIL

O gigantesco aparêlho soviético trazendo em seu bôjo os componentes da Missão de Boa Vontade Soviética, aterrou no aeroporto de Brasília, na tarde do dia 17. Uma parada anterior no Guararapes, em Recife, marcara o primeiro contato dos representantes da URSS com autoridades e povo do Brasil.

Na capital da República, onde foram recebidos com honras militares, avistaram-se com o presidente da República no dia 19. Encontro proveitoso, segundo se informava logo depois, durante o qual foram discutidas questões relacionadas com o reatamento de relações diplomáticas entre os dois países, possibilidades do incremento do comércio e do intercâmbio cultural e desportivo. Na mesma ocasião o chefe da delegação soviética, M. P. Georgadze, fêz entrega ao sr. Jânio Quadros de mensagem enviada pelo presidente do Soviet Supremo da URSS, Leonid Brejnev, e pelo primeiro-ministro Nikita Kruschiov.

Presentes foram ofertados pela delegação soviética ao presidente da República (uma carabina, um relógio com formato de sputnik, um álbum de Gagárin), à sua espôsa e à netinha Ana Paula (uma boneca ucraniana). Receberam em troca, charutos, que o presidente afirmou terem sido enviados por "um bom amigo, Fidel Castro".

Durante o diálogo mantido pelo sr. Jânio Quadros com os representantes do govêrno da URSS, falou-se também de uma eventual visita do cosmonauta Iuri Gagárin ao Brasil. O presidente da República, ao que se informa, mostrou-se interessado no assunto e foi quem sugeriu a possibilidade da visita.

PAMPAS E CAFÉ

Pôrto Alegre e São Paulo foram os objetivos seguintes da missão. Na capital gaúcha foram recebidos pelo governador Leonel Brizola e outras autoridades estaduais e cumpriram um grande programa de visitas. Foram homenageados pela Assembléia Legislativa do Estado, em sessão solene, mantiveram conversações com representantes da indústria e do comércio local e realizaram uma visita a uma fazenda de chá.

Durante as conversações e em diversos pronunciamentos, os representantes da missão soviética assinalaram as possibilidades do incremento das relações comerciais entre os dois países e as perspectivas que existem para a União Soviética adquirir produtos gaúchos, principalmente peles e couros. Verificou-se, também, durante as conversações mantidas pelo governador Leonel Brizola com os representantes soviéticos, a possibilidade da URSS participar da concorrência internacional para a construção da Usina Hidrelétrica de Passo Fundo. Os soviéticos receberam, das mãos do governador, um exemplar do Plano Estadual de Eletrificação e especificações sôbre o projeto da Usina.

Um churrasco foi oferecido pelo govêrno do Rio Grande do Sul à missão.

Um vasto programa também foi cumprido pela delegação em São Paulo. A recepção no aeroporto de Congonhas, apesar do imprevisto da chegada do IL-18, que era esperado às 17 horas mas chegou às 10 horas do dia 21, foi das que se reservam a hóspedes da categoria de chefes de Estado.

O primeiro dia de permanência na capital paulista foi dedicado pelos soviéticos a uma demorada visita às instalações do SENAI, a algumas fábricas e ao encontro com os representantes da indústria paulista. Encontraram-se no mesmo dia com operários e patrões, sendo alvo das mais diversas manifestações de simpatia.

No sábado, dia 22, seguiram para uma fazenda nas proximidades de Campinas, onde foram recebidos pelo governador Carvalho Pinto e membros do seu secretariado. Demoraram-se boa parte do dia no local, percorrendo demoradamente as instalações da fazenda e se informando sôbre os métodos de plantação e tratamento do café.

Palestraram durante duas horas com o governador Carvalho Pinto e secretários de Estado. Pontos de vista recíprocos sôbre as vantagens para ambos os países do incremento das relações comerciais foram então expostos. O governador Carvalho Pinto acentuou que "aceitaríamos a ajuda como etapa no incentivo das relações com todos os países do mundo" e fêz votos para que os componentes da missão pudessem, desta vez, "assegurar um maior intercâmbio entre a URSS e o Brasil".

Os representantes soviéticos responderam a numerosas perguntas e afirmaram que a URSS tem interêsse em adquirir no Brasil café, laranjas, couro, lã e óleos vegetais. Adiantaram ao governador paulista que são muitas as possibilidades de aumentar o consumo de café na União Soviética.

Durante sua permanência em São Paulo, os membros da delegação soviética visitaram também a Cidade Universitária e o Instituto Butantã e foram recepcionados pela Reitoria da Universidade de São Paulo.

ÚLTIMA ETAPA

Guanabara foi a última etapa da viagem de 8 dias que terminou na manhã de têrça-feira, dia 25, quando o possante IL-18 levantou vôo do Galeão com destino ao Equador e ao México, próximas etapas da Missão de Boa Vontade Soviética. Na antiga capital, onde permaneceram 48 horas, os representantes da URSS foram recebidos pelo governador, homenageados no Itamarati e realizaram visitas ao IBC, ao Ministério da Agricultura e ao Ministério da Indústria e Comércio.

No Palácio Rio Branco, onde foram recepcionados pelo ministro do Exterior e numerosos membros do corpo diplomático, os soviéticos receberam as condecorações da Ordem do Cruzeiro do Sul, que lhes haviam sido outorgadas pelo presidente Jânio Quadros. A cerimônia constituiu o ponto alto das manifestações de amizade tributadas pelo povo e pelas autoridades brasileiras aos representantes dos povos da URSS. Pela primeira vez na história dos dois países, o nosso govêrno concedeu a sua mais alta condecoração a figuras representativas do país soviético.

"Ao transmitir a v. exas. as saudações do Ministério das Relações Exteriores e as insígnias da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul — declarou em seu discurso o sr. Afonso Arinos — desejo apresentar, além dos cumprimentos formais de ministro do Exterior, algumas expressões da mais sincera emoção com que recebemos os representantes da União Soviética em solo da nossa Pátria.

"Conhecemos, admiramos e prezamos as admiráveis realizações da União Soviética, tanto no terreno da administração pública, da economia, do programa social, quanto no terreno das conquistas científicas e culturais".

"...Estamos convencidos de que as dificuldades ideológicas, as preferências na estrutura política do Estado não indicam qualquer impossibilidade para que se realize aquilo que o vosso líder, Kruschiov, chama de "coexistência pacífica".

Além da cerimônia no Itamarati, os representantes soviéticos estiveram no mausoléu dos pracinhas, onde depositaram uma coroa de flôres como homenagem dos povos da URSS àqueles que tombaram na luta contra o nazismo, e foram recepcionados no IBC, onde o ministro Frazão discutiu com os mesmos a possibilidade da URSS adquirir do Brasil, ainda neste ano, 3 milhões de sacas de café. Na oportunidade, o ministro Frazão informou que o IBC pretende lançar na União Soviética o "Café Gagárin", homenagem dos brasileiros ao primeiro cosmonauta.

Às 18.30 do dia 24, a missão soviética encerrava suas atividades oficiais no Brasil recebendo, no Hotel Glória, os jornalistas cariocas.

A entrevista coletiva, que começou na hora certa e terminou 90 minutos depois, foi marcada essencialmente pelo debate de questões relacionadas com o próximo reatamento de relações diplomáticas entre o Brasil e a URSS, e com a situação internacional. Os soviéticos também responderam a perguntas referentes à liberdade de Imprensa na URSS, direito de greve, turismo, etc.

Apresentando suas despedidas emocionadas ao povo brasileiro, que tão calorosamente recebeu os representantes da URSS, o sr. M. P. Georgadze, chefe da missão, assinalou as suas esperanças de um pronto restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países e anunciou que de parte da URSS tudo está pronto para isso.

Em mensagem que leu aos jornalistas presentes, reafirmou os desejos da URSS de conviver em paz com todos os povos e acentuou que o seu país apóia sua política internacional no lema "Paz e Amizade".

Ajuda a NOVOS RUMOS

Recebemos e agradecemos as seguintes contribuições:

Associação Lavradores da Guanabara	300,00
Boa Vontade	50,00
José A. de Araújo (Rio)	200,00
3 amigos da Guanabara	1.000,00
Ajuda (Rio)	400,00
Hoteleiros	550,00
J. S. R. (Santos — abril, maio, junho)	200,00
Comissão de Bemfica (Rio)	1.050,00
Bangu — 5 (Rio)	200,00
Florianópolis (Sta. Catarina)	5.643,00
Um amigo (Niterói)	500,00
Carlos Mural (Mesquita)	50,00
Elias Short (Ilha do Viana)	40,00
Rio Grande (RS)	1.165,00
J. de Castro (São Paulo)	200,00
Cabeça Chata	2.000,00
Amigos de Amparo (São Paulo)	1.000,00
Giudio Zaire (Brasiléia)	1.000,00
Amigos Nacionalistas de Copacabana	8.000,00
Amiga de Copacabana	1.000,00
Amigo de Nilópolis	50,00
Elias Nicolau Martins (Rio)	1.000,00
Grupo de Senhoras de Madureira (Rio)	220,00
Block (São Paulo)	1.000,00
Vila Prudente (São Paulo)	300,00
Campos (Pará)	100,00
José Eugênio (Rio)	300,00
Hoteleiros — Rio (19/6/61)	580,00
Hoteleiros — Rio — julho	650,00
Alvaro Miguez Figueiredo — Rio	500,00
Alexandre — Rio	200,00
Funcionário Público — Rio	1.000,00
S. Sebastião Paraiso — Minas	1.000,00
Olivia Calabria — Uberlândia	40,00

Kruschiov a Jânio: URSS Está Pronta Para Reatar

E' o seguinte o texto integral da mensagem de Kruschiov, divulgado pelo Palácio do Planalto:

"E' com muita satisfação que aproveitamos a visita ao Brasil da Missão Soviética de Boa-Vontade para dirigirmo-nos a v. exa. com esta mensagem e, em nome dos povos da União Soviética, do Presidium do Soviete Supremo da União Soviética e do govêrno soviético, transmitir a v. exa. e a todo o povo laborioso de muitos milhões do Brasil, saudações e votos de felicidades e bem-estar.

Aqui, na União Soviética, se segue com muita compreensão os enérgicos esforços do povo brasileiro com vistas a assegurar a firme defesa dos interêsses nacionais do Brasil nas relações internacionais, desenvolver a cooperação com todos os países do mundo. Na definição dessa posição, sr. presidente, uma boa parte corresponde a seus méritos pessoais. Conhecemos bem seus repetidos pronunciamentos pelo fortalecimento da paz universal, em defesa da soberania nacional dos Estados e do direito à autodeterminação de todos os povos, pela liquidação decisiva do colonialismo.

A opinião pública soviética apreciou altamente sua declaração de que o Brasil não se conformaria com nenhuma forma de colonialismo e do imperialismo e se esforçaria por que todos os povos colonizados, sem exceção, sem demora, obtivessem a independência. Esta afirmação fortalece a convicção de que o Brasil lutará ativamente por tornar efetiva a histórica declaração sôbre a concessão da independência aos países e povos coloniais, aprovada na XV Sessão da Assembléia-Geral das Nações Unidas.

Temos observado com satisfação que o govêrno brasileiro tem começado últimamente a pronunciar-se decididamente pelo amplo desenvolvimento da cooperação com todos os países em pé de igualdade, o que responde, sem dúvida, aos interêsses da manutenção e fortalecimento da paz.

Estamos certos de que v. exa. comparte a opinião de que existem sòmente dois caminhos do desenvolvimento internacional: ou continuará a política de carreira armamentista e, então a humanidade não estará fora de perigo de ser precipitada em qualquer instante a uma devastadora guerra nuclear de foguetes — assim, como da cobra só pode nascer uma cobra, da carreira armamentista pode surgir sòmente a guerra; êste caminho é repudiado pelos povos de todos os países; pelos governos dos Estados pacíficos; ou prevalecerá a política de coexistência pacífica dos Estados com diferentes regimes sociais. Em nossa época, quando a ciência e a técnica atingiram níveis inauditos a coexistência pacífica dos Estados transformou-se, em necessidade premente da própria vida. A marcha objetiva da história, os fatos incontestáveis da realidade contemporânea evidenciam que é completamente real e viável assegurar a paz na Terra, já na vida da nossa geração.

Hoje, quando o homem venceu a fôrça da gravitação terrestre e conseguiu penetrar no espaço cósmico, não pode haver lugar para dúvida de que êle poderá, com êxito igual, romper as cadeias da desconfiança e preconceitos que separam os povos. Os princípios de coexistência pacífica estão na base da política exterior de muitos Estados amantes da paz da Europa, Ásia, África e América Latina. A União Soviética luta conseqüente e infatigàvelmente para que a política de todos os países do nosso planêta se guie por êstes princípios. Então, seria colocada nas relações internacionais uma boa e sã base para o desenvolvimento da cooperação pacífica e prática entre os Estados.

O Brasil, o maior país da América Latina, ocupa cada vez mais firmemente um digno lugar entre a família dos povos pacíficos. Os soviéticos alimentam sentimentos de profunda e sincera simpatia para com o talentoso povo brasileiro, manifestam grande interêsse por sua história e honram sua tradição de amor à liberdade. Êles tomam conhecimento da rica cultura nacional do povo brasileiro e apreciam muito a contribuição do Brasil ao tesouro da cultura mundial. O povo soviético compreende bem a aspiração do povo brasileiro de fortalecer a economia nacional, de libertá-la da influência estrangeira. Sabemos por nossa própria experiência que é o único caminho capaz de garantir a elevação do bem-estar da Nação. Desejamos sinceramente ao Brasil sucessos nesse caminho.

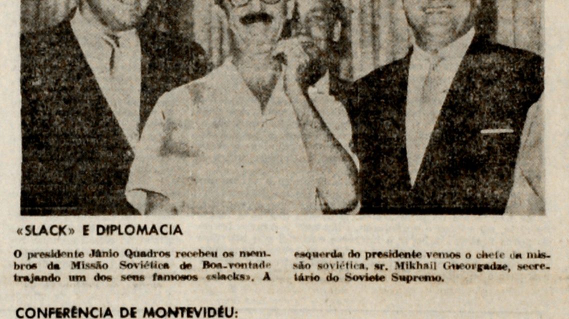
As negociações celebradas há pouco, em Moscou, com a delegação comercial brasileira, chefiada pelo sr. Leão de Moura, que deram resultados positivos, permitem esperar que as relações comerciais de proveito mútuo entre nossos países se desenvolvam com êxito. Não temos dúvidas de que, no futuro, podem abrir-se novas perspectivas para que a cooperação econômica e comercial entre nossos países se amplie. A União Soviética expressa por sua parte, a disposição de contribuir para isso por todos os meios.

Faz pouco, recebemos na União Soviética, com tôda cordialidade, como amigos, os mensageiros do povo brasileiro — a delegação parlamentar do Brasil chefiada pelo sr. Clelio Lemos. Consideramos estas visitas como bom começo para a ampliação ulterior dos contatos e da cooperação entre nossos países em diferentes esferas da atividade humana.

Desejaríamos destacar sr. presidente, que suas declarações de que não há nenhum obstáculo para reatar as relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética encontraram aqui uma completa compreensão. Com o reatamento das relações diplomáticas entre nossos países e a troca dos representantes diplomáticos se criarão, sem dúvida, condições mais favoráveis para o desenvolvimento das relações de amizade e confiança entre nossos países, relações baseadas nos princípios da não intervenção mútua nos assuntos internos, no respeito da soberania e dignidade, da igualdade de direitos e cooperação frutífera.

Lembramo-nos com satisfação, sr. presidente, de sua visita à União Soviética, no verão de 1959, nossas conversações interessantes e úteis com v. exa. Esperamos ter uma agradável oportunidade de receber outra vez v. exa., estadista eminente, presidente dos Estados Unidos do Brasil, na nossa terra hospitaleira.

Queremos concluir a nossa mensagem desejando, a v. exa. êxito na sua atividade de responsável no alto pôsto de presidente da República, respeitosamente, Nikita Kruschiov, presidente do Conselho da União Soviética e Leonid Bregnev, presidente do Presidium Soviético, Moscou, 10 de julho de 1961."



«SLACK» E DIPLOMACIA

O presidente Jânio Quadros recebeu os membros da Missão Soviética de Boa-vontade trajando um dos seus famosos «slacks». À esquerda do presidente vemos o chefe da missão soviética, sr. Mikhail Gueorgadze, secretário do Soviete Supremo.

CONFERÊNCIA DE MONTEVIDÉU:

Conspiração Contra Cuba Atrás da Promessa de Ajuda

A Conferência Interamericana Econômica e Social, que se realizará em Montevidéu, a partir do próximo dia 5, do mesmo modo que qualquer outro passo da política norte-americana na América Latina, não poderá ser compreendida senão à luz dos ferozes propósitos do imperialismo dos Estados Unidos contra a Revolução Cubana. Por mais que a pílula seja dourada, por mais que se fale em «ajuda» econômica de Washington, no fundo o objetivo é um só: derrubar Fidel Castro, acabar com o perigoso exemplo de um povo que derrotou o imperialismo e tomou em suas mãos o próprio destino.

Uma série de fatos comprova que é esta — e não qualquer outra — a verdadeira essência da próxima reunião de Montevidéo, que não pode ser obscurecida por nenhuma mudança de tática dos opressores de todos os povos latino-americanos.

A PALAVRA DE STEVENSON

No regresso de sua recente e fracassada viagem à América Latina, o sr. Adlai Stevenson declarou em Washington que sem o apoio do Brasil, da Argentina e do México, ou de pelo menos dois dêsses países, não seria possível a tão desejada ação coletiva contra a Revolução Cubana. E acrescentava, muito significativamente: antes da Conferência de Montevidéu não será possível pensar em tal apoio. Está claro, portanto, que em Montevidéu, com o aceno de uma suposta ajuda a alguns países da América Latina (em primeiro lugar, òbviamente, os mencionados por Stevenson), os imperialistas norte-americanos tentarão comprar a solidariedade de certos governos para o assalto ao povo cubano.

Outros fatos, porém, revelam igualmente que os Estados Unidos não têm grande interêsse em ocultar as condições em que prestarão aos seus «irmãos» do Sul a prometida «ajuda». Em janeiro dêste ano, o «New York Times» (8.1.1961) escrevia: «Sem embargo, o Congresso quererá obter certas garantias de que os países latino-americanos estão dispostos a manter uma atitude solidária relativamente ao castrismo e acabar com as causas que lhe deram origem em seus próprios países.»

NADA MUDOU EM WASHINGTON

Poder-se-á dizer que, de então para cá, com a substituição de Eisenhower por Kennedy, Washington mudou. E', aliás, o que procuram fazer crer certos jornais e certas pessoas, por má fé ou por uma ingenuidade tocante... Em comentário recente o «Jornal do Brasil» exprimia precisamente esta idéia: «A esta altura dos acontecimentos, já não têm as autoridades norte-americanas aquela frieza que era evidente durante o Govêrno do Presidente Dwight D. Eisenhower. Muito pelo contrário, as autoridades norte-americanas são, hoje em dia, influenciadas por tôda uma escola de economistas partidária do desenvolvimento, da industrialização, das reformas agrárias, do planejamento econômico, da ajuda até mesmo às nações **neutralistas**, do financiamento inclusive a emprêsa de economia mista, estatais, etc.» Isto foi escrito em junho último, depois dos acontecimentos de abril, quando Kennedy só não repetiu exatamente o que Eisenhower fizera em 1954, na Guatemala, porque o povo cubano, chefiado por Fidel Castro, reduziu a pó, em 72 horas, a invasão.

Não foi muito diferente o sentido das palavras do sr. Celso Furtado, de torna-viagem dos Estados Unidos, dias atrás. Declarou êle haver encontrado — finalmente! — em Washington pessoas com quem se pode manter um diálogo franco, "um grupo altamente qualificado e interessado". Sim, exemplo disso, por certo, foi o diálogo mantido no Senado e por êle próprio relatado. A preocupação dos senadores americanos não é no sentido de que os problemas do Nordeste tenham uma solução adequada: que os camponeses recebam a terra a que têm direito, como a receberam os camponeses cubanos; que os monopólios estrangeiros, antes de tudo os norte-americanos, cessem de espoliar e sugar as massas nordestinas, como já aconteceu em Cuba. A preocupação dos senadores norte-americanos, manifestada ao sr. Celso Furtado, consistia em saber se o Plano da SUDENE era o bastante para fazer frente à "infiltração" do castrismo e do comunismo no Norteste... É idéia fixa.

Por fim, que a diplomacia do "big stick" — a política dos "marines", de Eisenhower na Guatemala, como de Kennedy em Cuba — continua em pleno vigor, aí temos na desesperada exigência dos senadores norte-americanos a Kennedy quanto a um avião ianque que escolheu a liberdade e aterrissou em Havana. Como se sabe, em represália a atos idênticos dos Estados Unidos, que retêm ilegalmente seis aviões cubanos, o govêrno cubano não permitiu que deixasse Havana um avião norte-americano obrigado por um cidadão a descer na capital de Cuba. Em face disso, os senadores exigiram de Kennedy que faça voltar o aparelho da companhia norte-americana e se não o conseguir por bons modos, que vá buscá-lo de qualquer maneira...

Washington não mudou nada, senão de tática.

A «AJUDA» DOS ESTADOS UNIDOS

Evidentemente, se não houve nos próprios Estados Unidos qualquer mudança, se a política de Washington continua a ser rigorosamente traçada e executada no interêsse dos monopólios e trustes norte-americanos, seria rematada estultice esperar que êsse mesmo imperialismo passasse de espoliador a amigo da América Latina, na Conferência de Montevidéu.

Para tanto, seria preciso que o imperialismo norte-americano renunciasse à exploração e ao saque dos povos e das riquezas dos nossos países; que os Estados Unidos nos restituíssem, sob a forma de créditos substanciais e em boas condições, aquilo que daqui têm tirado e continuam tirando, sob a forma das trocas não-equivalentes, da exportação de lucros, dividendos, "royalties", juros extorsivos, etc.; que o govêrno norte-americano deixasse de dar apoio aos grupos econômicos, seus aliados na exploração dos nossos povos. Numa palavra, seria preciso que o imperialismo deixasse de ser imperialismo...

Nota Econômica

Josué Almeida

O pêso das emprêsas estatais no Brasil

A revista «Desenvolvimento & Conjuntura» órgão da Confederação Nacional da Indústria, em seu número ora em circulação, publica um interessante trabalho sôbre a concentração do poder econômico. A concentração da produção e a centralização do capital é um fenômeno que acompanha o desenvolvimento do capitalismo e, como assinala Marx, constitui uma premissa para a passagem do modo de produção capitalista para o modo de produção socialista. O estudo em aprêço mostra, em alguns casos, o grau que já havia alcançado a concentração da produção nos Estados Unidos no fim da década de 1940. Hoje, depois das sucessivas absorções de pequenas por grandes emprêsas, bem como através dos processos de fusão de algumas destas últimas, as cifras relativas à concentração da produção industrial norte-americana estarão consideràvelmente aumentadas. Nesse sentido, o vertiginoso progresso tecnológico que se observa notadamente a partir do fim da última guerra atua como um fator de aceleração da concentração, pois as conquistas técnicas, pelo seu alto custo, estão muito mais ao alcance das grandes do que das pequenas emprêsas; em muitos casos, são absolutamente inacessíveis a estas últimas (diferentes aplicações da energia nuclear, dos semicondutores, etc.).

E' claro que os trustes e monopólios procuram ocultar por meios os mais diversos êsse processo de concentração da produção que significa, implicitamente, a diminuição da importância das pequenas e médias emprêsas no conjunto da economia ou, simplesmente, a supressão destas últimas. Entretanto, partindo-se de diferentes dados estatísticos — distribuição da mão-de-obra, magnitude do capital fixo, volume da produção, consumo de eletricidade, grandeza dos lucros, etc. — é possível chegar-se a conclusões aproximadas como, aliás, encontra-se no anexo publicado ao fim do estudo em aprêço.

Tais dificuldades, todavia, são ainda maiores num país como o Brasil em que a precariedade dos dados estatísticos é notória e o pouco que se sabe com alguma segurança data de menos de dois decênios. Ainda assim, não deixa de oferecer interêsse um quadro publicado no referido trabalho, relativo às 66 maiores emprêsas (ou grupo de emprêsas) existentes no Brasil, segundo o critério do capital social. Trata-se, explica a revista, daquelas emprêsas — ou grupos — existentes no Brasil, cujo capital é igual ou superior a 1 bilhão de cruzeiros. Mesmo pondo de lado algumas observações (o relativo atraso dos dados sôbre o capital, a não inclusão de emprêsas do porte da CELUSA, de organização recente, o fato de que diversas das emprêsas sob contrôle do Estado ainda não se acham em funcionamento, como Furnas, que, certamente por um lapso, é apresentada como sob contrôle estrangeiro etc.), o quadro oferece margem para algumas conclusões interessantes. As 66 emprêsas referidas totalizam um capital de 301,9 bilhões de cruzeiros e delas 34 são apresentadas como de contrôle nacional, das quais 19 controladas direta ou virtualmente pelo Estado. Se destas últimas excluímos a Rêde Ferroviária Federal e a CMTC (transportes) e o Banco do Brasil (cujo capital, diga-se de passagem, está longe de exprimir sua importância relativa no aparelho bancário do país), restarão 16 emprêsas industriais (indústria extrativa, de energia elétrica e de transformação), cujo capital ascende a 96,1 bilhões de cruzeiros, perfazendo a apreciável proporção de 40% do capital total, excluídas as três mencionadas.

Êsse número mostra a alta significação do capitalismo de Estado na economia nacional, se bem que não possa, evidentemente, dar uma idéia, mesmo quantitativa, do grau de domínio do capital estrangeiro do Brasil. Comprova-se, assim, mais uma vez, que o desenvolvimento econômico do país observado nos últimos anos repousa fundamentalmente nos grandes empreendimentos levados a efeito pelo Estado, único empresário capaz de enfrentar e vencer os obstáculos opostos pelo imperialismo à emancipação econômica do Brasil.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Os homens primitivos jamais chegaram a resultados satisfatórios em suas tentativas de explicação dos fenômenos da natureza e da vida. O que permite a compreensão dos fenômenos que nos cercam é o estudo das ciências. Mergulhados na ignorância, os homens primitivos esbarravam diante de obstáculos, os quais impediam que suas pesquisas chegassem a bom têrmo.

* * *

Por falta de conhecimentos científicos, nossos antepassados mais próximos ao homem da caverna adoravam o Sol, temiam os trovões e engendravam concepções falsas a respeito dos fenômenos da vida. Essas concepções não se pode dizer que não fôssem uma filosofia. Constituíam porém uma filosofia falsa, arrimada em preconceitos, filhas do obscurantismo.

* * *

A explicação científica dos fenômenos do universo apareceu depois que o desenvolvimento material da humanidade atingiu certo grau em que se operou na consciência do homem uma alteração qualitativa. Mas os resíduos de preconceitos resistem à ação do tempo. O atraso, assim, persegue o homem em muitas etapas de sua vida.

* * *

A época em que os tetravós do cardeal Jaime Câmara, do almirante Pena Botto ou do economista Tristão da Cunha, mal compostos em suas tangas de couro de onça, urravam nas cavernas da Península Ibérica, da Costa da África ou do Litoral Brasileiro, já vai longe. Mas os preconceitos brotados nos cérebros dos homens primitivos ainda exercem influência em nossa vida econômica e política oferecendo entraves ao desenvolvimento das concepções filosóficas.

* * *

Passemos a vista pelas colunas dos jornais. Que vemos nêles? A reforma agrária em ordem-do-dia. Gregos e troianos a exaltá-la (alguns gregos procurando possìvelmente transformá-la em presente indigesto). Informações oficiais que anunciam para dentro de pouco tempo o reatamento de relações com todos os países socialistas. A viagem de um nôvo Marco Polo à China: o Vice-Presidente da República, levando mensagens do Presidente aos povos do grande e longínquo país. Manifestações de oposição às formas de colonialismo aplicadas no Brasil pelas grandes emprêsas capitalistas estrangeiras. Anúncio de um projeto do ex-líder da maioria Abelardo Jurema, sôbre a legalidade do Partido Comunista, apresentado agora, depois que o bravo representante paraibano deixou de ser líder. Enfim, terríveis pecados, que há pouco tempo provocavam condenações às penas eternas, perdem o falso aspecto de periculosidade e entram no terreno das cogitações tranqüilas. E' a derrocada de um mundo de preconceitos, que os reacionários não podem manter c[illegible] tensões a imutabilidade. E' a vitória do progresso, da marcha implacável da história, que as ciências herdadas do homem primitivo não podem fazer estacionar. E' a derrota de conceituados trogloditas de nossa praça.

Teoria e Prática

Apolônio de Carvalho

O conteúdo de classe do socialismo

II — O «Socialismo árabe»

(Resposta ao leitor Antônio Ribeiro, de Apucarana, Estado do Paraná).

As correntes «socialistas» do mundo árabe são várias. A mais importante é a escola de Nasser, que procura constituir-se em centro do movimento de absorver as demais. Como se define êsse «socialismo»?

Segundo o ministro de Estado Kamal Rifaat, o socialismo árabe procura servir ao conjunto da sociedade, é fruto da realidade particular e do movimento nacional dos povos árabes e protege a liberdade individual e a igualdade entre todos os cidadãos. Essa doutrina não assume «uma forma específica de classe»; mas ficamos sabendo que ela garante a propriedade privada, sob a condição elástica de que «não se ponha em choque com os interêsses da sociedade». Outro ministro, Ali Sabri, completa êsse quadro paternalista: «nosso socialismo é a ajuda mútua de todo o povo no trabalho e na produção — e a repartição igualitária dos produtos através do govêrno.»

Como se vê, procura-se confundir e canalizar para o movimento nacionalista, dirigido pela grande burguesia egípcia, as aspirações profundas das massas populares à terra, à liberdade e ao progresso social. Como «instituição situada acima das classes», o Estado tem nessa mistificação um papel destacado. A resistência ao imperialismo dá a tonalidade necessária à prédica da comunhão de interêsses, à diluição das classes e grupos, num movimento único, e à necessidade da paz social.

Na realidade, os grandes capitalistas dominam e dirigem a economia e a política. Através do Estado — e associados a êle — multiplicam seus empreendimentos e disputam o mercado da RAU aos concorrentes imperialistas; através das sociedades por ações, canalizam para empreendimentos comuns as posses da pequena e média burguesia. Conserva-se a antiqüíssima classe dos latifundiários — através de uma reforma agrária que reduziu a área das grandes propriedades, mas ampliou a riqueza dos grandes proprietários, com régias indenizações. O Estado — explica o presidente Nasser — vigia o capitalismo, mas não o enfraquece. Ora, manter e fortalecer o capitalismo significa assegurar-lhe lucros fáceis: a taxa de lucro era, ainda há pouco, de 14% na indústria têxtil, de 36% na construção civil, de 37%, na indústria alimentar. Significa, também garantir um campo livre à exploração das massas trabalhadoras, legitimá-la através da «harmonia entre as classes»: as leis da RAU negam o direito de greve; os sindicatos só funcionam sob a dependência direta do Estado; o Partido Comunista está fora da lei e seus dirigentes são assassinados nas prisões — como se fêz há pouco com o grande escritor e patriota libanês Farajallah Helu.

Está aí o «socialismo árabe»: o domínio frio da grande burguesia egípcia, apoiada no Estado, sob a máscara do interêsse comum. E' a decorrência natural de uma luta de libertação que se faz ainda sob a hegemonia dos grandes capitalistas. Atribuem-se à «doutrina» uma fonte e um conteúdo genuinamente árabes — desligados do movimento operário mundial, da luta de classes através do mundo, do conteúdo de classe e das experiências da URSS e do sistema socialista. O objetivo é desviar as aspirações dos trabalhadores manuais e intelectuais ao socialismo, fechar sua consciência nas fronteiras nacionais, limitar a fôrça da atração do marxismo-leninismo, como ciência e como exemplo encarnado na vida.

A grande burguesia egípcia cumpre seu papel de classe: especula com a popularidade do socialismo entre as massas trabalhadoras. Um século atrás já Marx e Engels denunciavam a proliferação das correntes «socialistas»: o socialismo conservador, o socialismo pequeno-burguês, e até mesmo o «socialismo feudal». A multiplicação das escolas continuou, depois, com o socialismo «fabiano», o socialismo cristão, o pára-socialismo, a variedade de grupos da Internacional Socialista, o chamado socialismo democrático — e, já sôbre outras bases, o «comunismo nacional». Seu traço comum é a renúncia à luta de classe do proletariado, a «marcha espontânea» para «um socialismo que não é bandeira da classe operária e que não se deve instaurar como conseqüência das lutas de massas e da revolução proletária»; a diluição das classes na união nacional, e — sob uma paz social aceita ou imposta — o prolongamento da escravidão assalariada. . . . .

O «socialismo árabe» está, porém, atulhado de contradições internas. Além disso, os povos árabes não aceitam o jugo colonial imposto pela burguesia egípcia. Para consolidar-se, a luta de libertação deve dar novos passos no sentido da entrega da terra aos camponeses, da democracia e do progresso social — e a grande burguesia tem fronteiras de classe nesse caminho.

E' claro que a análise da situação interna não deve levar a esquecer o duplo caráter da burguesia nos movimentos de libertação nacional. E o papel altamente positivo que, sob a pressão das contradições internas e externas, a política da RAU desempenhou e continua desempenhando — como parte da luta dos povos apoiados no sistema socialista, contra o imperialismo e pela paz.

Êsse quadro ajuda, porém, a compreender o verdadeiro conteúdo de classe, a essência proletária da revolução socialista — e, no seu processo a importância decisiva da conquista da hegemonia do proletariado. E mostra que só a classe operária, consciente e organizada, pode unir e levar à frente os povos árabes, conjugar o interêsse nacional e o interêsse profundo das massas populares — e, assim, colocar na mesma via, comum e firme, a libertação nacional efetiva e a marcha real para o socialismo.

Planificação e Contrôle

Giocondo Dias

Uma das condições essenciais para que o Partido atue como um todo único e organizado são a planificação do trabalho partidário e o contrôle da sua execução. A planificação, com efeito, é uma decorrência necessária do caráter revolucionário conseqüente do Partido, do fato de que êle tem uma linha política, uma perspectiva concreta para atingir objetivos determinados imediatos ou mais distantes. Quanto ao contrôle, resulta da necessidade permanente que o Partido tem, para avançar, de conhecer o que fêz e o que deixou de fazer, de estudar a sua própria experiência, com o fim de assimilar e desenvolver o que é positivo e rejeitar o que é negativo.

A "Resolução Política" da Convenção Nacional dos Comunistas, ao criticar a centralização exagerada do trabalho, que se manifesta no excesso de planos e tarefas impostos aos órgãos dirigentes inferiores e às organizações partidárias, alerta-nos, ao mesmo tempo, com inteira razão, contra o espontaneismo e o liberalismo no trabalho de direção, que se refletem na ausência de trabalho planificado e na abolição do contrôle permanente do cumprimento das tarefas. Tanto o espontaneismo e o liberalismo, como a imposição e o arbítrio, são estranhos e nocivos a um Partido Comunista, entravam o seu desenvolvimento como partido de ação, que alia a iniciativa e a combatividade à disciplina e organização.

É nosso dever estar vigilantes contra tais deformações da atividade partidária e saber concentrar o fogo de nossa crítica e autocrítica naquêle desvio ou desvios que prejudiquem, num momento dado; uma melhor atuação dos comunistas.

Não é possível deixar de reconhecer que a planificação e o contrôle têm sido subestimados entre nós e que essa subestimação, em certa medida, chega mesmo a expressar-se como resistência ao trabalho planificado e ao justo contrôle do cumprimento das tarefas. Não é ainda predominante em nossa atividade a compreensão de que planificação e contrôle são elementos essenciais para chegarmos à realização de um bom trabalho de direção, de que dêles depende, em grande parte, o êxito do trabalho ideológico, político e organizativo do Partido de que êles contribuem decisivamente para a eficiência máxima possível da atividade partidária.

Sendo assim, a luta contra as manifestações de espontaneismo e liberalismo em organização, a luta pela ação planificada e o contrôle sistemático de nossa atividade colocam-se como tarefa imediata e de grande importância, indispensável para reduzir ao mínimo em nosso trabalho a influência de fatores ocasionais e espontâneos, para eliminar ao máximo as possibilidades de o Partido ser arrastado ao sabor dos acontecimentos, ou ser por êles surpreendido.

Êsse combate precisa e deve ser realizado com decisão e firmeza, tendo por base um esfôrço persistente para bem nos esclarecermos e educar-nos sôbre o que é realmente planificar e controlar no terreno da atividade comunista. A nossa experiência nos ensina que, encarados em seu justo sentido, a planificação e o contrôle nada têm de comum com o papelório, com o burocratismo, com o formalismo, com o cerceamento da iniciativa e do espírito prático das direções e dos membros do Partido, com o bitolamento da sua atividade. Ao contrário, uma e outro possibilitam uma melhor distribuição das responsabilidades e tarefas, reduzem ao mínimo a burocracia, estimulam a iniciativa e aumentam o espírito de responsabilidade do coletivo e dos camaradas individualmente, criam condições para uma atuação melhor dos órgãos dirigentes, das organizações e dos membros do Partido. Ao facilitarem a execução, o cumprimento das tarefas, a planificação e o contrôle favorecem, simultâneamente a educação à base da fraternidade e da solidariedade comunistas, a formação de quadros, um melhor trabalho com as m[illegible] e, em conseqüên[illegible] [illegible]eiçoamento e fortalecimento de tôda a organização partidária.

A elevação de nossa capacidade em aplicar acertadamente a planificação e o contrôle depende, antes de tudo, de que examinemos permanentemente, do ponto de vista crítico e autocrítico, a nossa experiência viva na utilização dêsses métodos. Essa experiência nos vem mostrando que êles são métodos inseparáveis um do outro. Sem planificação não pode haver um bom contrôle e sem contrôle falta a base para uma planificação correta, realista e dinâmica.

A experiência nos mostra, também, que a planificação, para representar a coordenação mais justa e adequada das fôrças de que se dispõe e se disporá para atingir os objetivos que se podem e devem ter em vista, precisa ser estabelecida com o maior concurso possível de cada coletivo partidário. Quanto ao contrôle, deve voltar-se para o que é essencial ao Partido, e não para o que é secundário, visando sempre a possibilitar o cumprimento das tarefas. Rigoroso e impessoal, não tem por que ser rígido nem sujeito a uma aplicação esquemática. Em seu justo sentido, tem em vista, principalmente, prevenir o êrro e a falha e é estranho a qualquer idéia ou prática de desmascaramento ou perseguição. Objetivando verificar a execução ou não das tarefas, êle, para ser de fato eficaz, deve acompanhar-se normalmente, na medida do possível, de sugestões, indicações das correções e da orientação a seguir-se para a superação dos erros e deficiências, elaborados com a ajuda de todo o coletivo.

O trabalho pela execução dos planos e, lado a lado com êle, o contrôle das tarefas criam condições básicas para o êxito na luta contra o ultrademocratismo, a confusão, a irresponsabilidade, a dispersão de fôrças e energias, e outras manifestações do liberalismo e do espontaneismo. Na medida em que aperfeiçoarmos o emprêgo da planificação e do contrôle, iremos evitando que os erros e falhas perdurem e serão criadas melhores condições para que suas causas e responsabilidades possam ser localizadas e corrigidas a tempo.

Planificar e controlar permanentemente e com crescente acêrto é uma das condições para que o Partido possa desenvolver-se como partido de ação, é um dos aspectos da luta que todos os comunistas travam pela aplicação justa do centralismo democrático, é o combate na prática às concepções que, no terreno de organização, vêm entravando o fortalecimento e o crescimento mais rápidos do Partido. É contribuir de modo mais organizado e eficiente para dar às massas uma justa orientação política, de acôrdo com a linha traçada na Convenção Nacional.

INCREMENTO DAS RELAÇÕES POLÔNIO-BRASILEIRAS

"Trybuna Ludu", um dos principais jornais da Polônia, publicou, sob o título "Estreitam-se as relações polônio-brasileiras», um artigo que diz inicialmente:

"No número não pequeno de contatos, visitas e outras iniciativas internacionais levadas a efeito recentemente na Polônia, chamam a atenção os vivos contatos mantidos com os países latino-americanos, especialmente as visitas das delegações brasileiras. Em sequência cronológica anotamos últimamente: missão extraordinária brasileira, chefiada pelo embaixador João Portella Dantas, enviado especial do presidente Jânio Quadros, com o objetivo de estabelecer contatos comerciais com os países socialistas e fortalecer — em relação à Polônia e a Tchecoslováquia, as relações existentes; a visita do diretor do Departamento Econômico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, ministro Leão de Moura que, após as negociações com a URSS, manteve conversações sôbre o comércio polônio-brasileiro. Em fins de maio e começo de junho corrente, estêve na Polônia a delegação parlamentar brasileira, convidada pelo Seym (Parlamento da Polônia), em retribuição à visita oficial ao Brasil de uma representação parlamentar polonesa na primavera do ano passado.

As visitas do embaixador Dantas e do ministro Moura, ambas em princípio de caráter econômico, puseram em relêvo, durante as conversações, o aspecto do maior fortalecimento das relações entre os dois países, relações que, como veremos abaixo, alcançaram amplitude bastante considerável.

O acôrdo comercial polônio-brasileiro de 1960 estabeleceu, para um período de cinco anos, trocas comerciais no valor de 70 milhões de dólares anuais de ambos os lados. Em suas declarações à imprensa por ocasião da assinatura dos protocolos referentes ao fortalecimento do intercâmbio comercial e da cooperação técnico-científica entre os dois países, o embaixador João Portella Dantas declarou que existem reais possibilidades de incrementar êste comércio, no período referido, até ao volume total de 600 milhões de dólares. Devemos mencionar lateralmente que o total do intercâmbio comercial da Polônia com tôda a América Latina até a última guerra mundial (1937) não ultrapassava de 27, 1 milhões de dólares. Temos agora perspectivas de elevá-lo, com um só país, cinco vêzes mais em relação ao intercâmbio com tôda a região no período anterior à guerra. Hoje, importamos do Brasil seus produtos tradicionais, como o café (em volume considerável e em quantidades superiores às de antes da guerra), cacau, couros, etc, mas em futuro bem próximo, importaremos dêste país os produtos de suas indústrias leve e pesada. Hoje, exportamos para o Brasil tratores, equipamento ferroviário, motores diesel, assim como equipamento industrial. Em futuro próximo, estaremos enviando para o Brasil helicópteros e aviões leves. Presentemente, exportamos também navios para o Brasil.

Durante a permanência das missões especiais brasileiras na Polônia teve lugar em Gdynia uma cerimônia especial: a transferência à frota mercante brasileira do 16.º navio construído nos estaleiros poloneses em atendimento ao acôrdo de 1958 que regulava a construção de 16 navios pela Polônia em troca de café e outros produtos brasileiros.»

Adiante, no mesmo artigo, "Trybuna Ludu" trata dos resultados da visita oficial à Polônia da delegação parlamentar brasileira chefiada pelo dep. Clélio de Lemos, vice-presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, referindo-se aos contatos mantido pela representação e salientando, na declaração conjunta dos parlamentares dos dois países, o ponto que defende para tôdas as nações o direito à autodeterminação, à segurança das fronteiras estabelecidas, assim como a não interferência nos assuntos internos de outro país.

Concluiu o artigo reafirmando a convicção de que "a próxima etapa no estreitamento das relações polônio-brasileiras será a das anunciadas visitas dos ministros das Relações Exteriores e do Comércio Exterior da Polônia e do Brasil.»

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves
Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe
Fragmon Borges
Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar — S/827
Tel: 37-5264
Endereço telegráfico: «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual	Cr$ 500,00
Semestral	» 250,00
Trimestral	» 130,00
Aérea anual, mais	» 200,00
Aérea semestral, mais	» 100,00
Aérea trimestral, mais	» 50,00
Número avulso	» 10,00
Número atrasado	» 16,00

NR ROMANCE

Iuri Gagárin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

68

Sentamo-nos junto a uma mesa e começamos a quebrá-las. Tenho dentes fortes, e a mãe de Vália se admirava muito de como eu partia sem esfôrço tôdas as nozes. E Vália, rindo, disse-me:

— Afiou os dentes no granito da ciência; vive estudando...

E conversávamos sôbre meus estudos, sôbre o curso de verão, sôbre a necessidade de Vália continuar estudando. Consultamos tôda a família e decidimos que ela deveria seguir o curso médico. E assim ela fêz: matriculou-se na Escola de Medicina.

Tudo nos aproximava de Vália. O amor aos livros, a afeição pelos cavalos, o gôsto pelo teatro. Sempre que estava de folga, corria imediatamente para a casa dos Goriatchov, na rua Tchitcherin, frequentemente acompanhado de alguns camaradas. Já nos esperavam. Sentia-me como em minha própria família. Ivan Stepánovitch era um notável mestre de culinária, mas sobretudo ao preparar uma lebre, o prato preferido dos cossacos dos Urais. Comíamos com grande apetite, pois embora comêssemos bem na escola, não preparavam êste prato.

Ao terminar a colheita de batatas, a esquadrilha regressava à escola, para os apartamentos de inverno. Mas não me encontrei novamente com Vália, pois se iniciara uma intensa preparação para o desfile das festas de Outubro *. Eu desfilava bem, mas devido à estatura, não ficava nas primeira filas. Mas, nas festas, quando tôda a escola, em marcha solene, desfilou pelas ruas de Orenburg, Vália soube me distinguir na formação, e sorrimos um para o outro.

Passei as festas com Vália e, depois, saí em férias. Em Gjatsk ainda não me tinham visto em uniforme militar, nem tampouco com as divisas de sargento nos ombros, pois agora eu já me tornara ajudante do comandante da seção.

* Aniversário da revolução socialista de 1917 na Rússia (N. do T.)

69

E eis-me em Gjatsk. Construíra-se muitíssimo, tinham-se levantado muitos novos edifícios, as ruas estavam bem cuidadas. Meu pai e minha mãe tinham envelhecido um pouco, meu irmão e minha irmã mais velhos ajudavam-nos da forma que podiam e nosso irmão caçula, Boris, estava inteiramente adulto, já completara os 20 anos. Eu desejava obter o mais ràpidamente possível as divisas de oficial para ajudar como devia os meus velhos.

Visitei a escola onde estudara, conversei com antigos professôres, encontrei-me com velhos camaradas que continuavam trabalhando em Gjatsk. E embora me encontrasse novamente no seio de minha família, ansiava por voltar a Orenburg — a escola já se me tornara um segundo lar, e além disso o pensamento em Vália não largava. Minha mãe sentiu isto, e certa vez, no crepúsculo, quando ficamos sós em casa, ela carinhosamente me perguntou em que eu pensava, o que me inquietava o coração. E, como tinha aprendido desde a infância a nada ocultar dos pais, falei-lhe sôbre Vália.

— Pensas em casar? perguntou minha mãe.

Eu, de maneira indefinida, levantei os ombros, pois ainda não havia me decidido neste assunto. Eu era contrário aos casamentos precipitados. E sendo ainda um estudante, naturalmente, não poderia manter uma família.

— Se estás amando, casa-te; mas firmemente, para tôda a vida, como eu e teu pai — disse minha mãe, ao mesmo tempo alegre e amargurada.

Eu imediatamente a olhei nos olhos, e ela me deu conselhos úteis para o futuro, lembrando que, como se diz, os bons tudo vencem, os maus por si se destroem.

Não aproveitei minhas férias até o fim e regressei a Orenburg antecipadamente. Meus camaradas de esquadrilha, assim como os comandantes, com-

70

preenderam-no, sem precisar de palavras. E Vália ficou alegre: ela sabia porque eu voltara.

O nôvo ano letivo iniciou-se com modificações. Eu e alguns alunos fomos transferidos para a esquadrilha do major Belikov; o comandante de nossa unidade era o capitão Pénkin, homem criador, sempre à procura de um nôvo oficial. Eu fui servir na tripulação do major-tenente Anatoli Grigórievitch Kolossov, que me ensinou a voar em aparelhos a jacto. Mas, antes, tivemos que encher a cabeça com teoria. O tempo o favorecia: o inverno veio rigoroso, a guarnição tinha que remover a neve e era impossível voar. Estudamos a parte material do motor reativo, conhecemos os fundamentos da dinâmica dos gases, as leis do vôo de velocidade. Muito do que já conhecêramos antes se nos apresentava agora sob nova luz: a técnica era outra, grandes as velocidades, grandes as altitudes e, portanto, outros os cálculos, nova maneira de encarar o assunto.

A amizade entre mim e Vália fortalecia-se cada vez mais e gradativamente se transformara em amor. No dia de meu aniversário ela me deu duas de suas fotografias. Numa, ela vestia a bata branca dos médicos; a outra, num vestido elegante. No verso dessas fotografias, com uma letra muito parecida com a minha, Vália escreveu: "Iura: lembra-te de que os forjadores de nossa felicidade somos nós mesmos. É necessário não vergar a cabeça ao destino. Lembra-te que esperar é uma grande arte. Guarda êste sentimento para o momento mais feliz. 9 de março de 1957. Vália".

Vália tinha razão: fomos nós mesmos os construtores de nossa felicidade.

Chegou finalmente o dia de há muito esperado dos vôos nos aviões MIG. Como eram belos rebrilhando ao sol, com suas asas estreladas recurvadas abruptamente no sentido da cauda! Distinguiam-se êstes aparelhos pela harmonia de suas linhas sober-

71

bas e audazes, capazes de causar inveja aos arquitetos.

Sentei-me na cabine, atrás de Kolossov.

— Já há planos! comunicou prontamente o técnico.

E o aparelho, como trepidando de impaciência, movimenta-se pela pista de pouso. Num abrir e fechar de olhos, como se costuma dizer, sem que eu o percebesse, já estava a cinco mil metros de altura. Isto não é nenhum IAK-18; estás agora voando num impetuoso aparelho, de longo raio de ação, em altitude vertiginosa, numa velocidade fantástica e de potência formidável. Mas Kolossov, literalmente insensível às descargas, confiante, com mão de mestre, mantinha o MIG na zona e com perfeição efetuava algumas acrobacias.

—Tome a direção — ordenou êle inesperadamente. O seu tom era sempre imperioso e não admitia contradita.

E ao tomar o leme senti imediatamente que não era um avião como aquêle a que me acostumara: era preciso trabalhar tenazmente para poder dirigi-lo tão fàcilmente como o de motor de hélice. E teve início um trabalho obstinado. Dos vôos de direção passou-se aos vôos de saída, depois aos de contrôle, e quando finalmente o instrutor se convenceu de meus conhecimentos e capacidades — voei pela primeira vez sòzinho num MIG. Transcorreu da mesma forma como no primeiro vôo num IAK-18. Logo que, com o coração a palpitar, levantei vôo, descrevi um amplo círculo no céu sem nuvens e regressei feliz ao aeródromo, trazendo comigo a conclusão de que com o aumento da velocidade do vôo, êste se tornava cada vez mais difícil.

Tudo como antes, mas também não era assim.

72

O MIG, belo, cômodo, de fácil manobra, agradava imediatamente. Era leve na direção e ràpidamente ganhava altura. Eu pilheriei: como tinham crescido e se fortalecido minhas asas. Pela primeira vez eu me sentia um verdadeiro pilôto, incorporava-me à técnica moderna. Passaram a fazer experiência também os amigos com os quais ingressei na escola; Luri Dergúnov, Valentim Zlóbin e Kólia Répin.

Mas ainda tínhamos muito o que fazer até nos tornarmos autênticos aviadores: alta pilotagem, vôos de trajetória, combates aéreos, vôos em formação. Tudo isto nos foi ensinado pelo substituto de Kolóssov, o qualificado aviador-instrutor Iadkar Akbulátov. Êle tinha ôlho vigilante, conseguia observar tudo no ar, não admitia o menor êrro. Já no primeiro vôo na zona êle observou que as minhas reviravoltas profundas não eram inteiramente perfeitas... Mas logo elogiou as acrobacias verticais em que se efetuavam mudanças violentas. Eu conseguia efetuar essas acrobacias porque cada vez que chegava à zona esforçava-me por competir com a máquina: pôr à prova o que ela pode dar e o que eu posso suportar. Numa palavra, extraía da técnica tôdas as possibilidades, e isto podia ser feito da melhor forma principalmente nas acrobacias verticais.

Mas nem tudo transcorria lisamente. Aconteciam insucessos. A minha estatura não é grande e me dificultava a orientação na aterrissagem do aparelho. Para que melhor pudesse sentir a terra nesse momento de responsabilidade, passei a utilizar uma almofada especial. Sentado sôbre ela, eu via a terra tão bem como o instrutor e a aterrissagem passou a fazer-se melhor. Iadkar Akubalátov aprovou minha "racionalização".

Como todos os aviadores qualificados, êle era homem de poucas palavras, silencioso mesmo, mas tu-

73

74

do quanto aconselhava era digno de tomar nota num caderno. Êle ensinava:

— Para que durante um vôo se tenha completo domínio de si mesmo, é preciso ainda em terra pensar cuidadosamente em tudo. A ação no ar deve ser rápida mas racional.

Êle ensinava a olhar o céu de maneira nova, em tôda a sua multiformidade, e falava sôbre aviões com a mesma simplicidade como meu pai falava de tábuas e tôrno de serralheiro. E tôda esta conversa resumia-se numa conclusão: o aviador deve voar.

Ocorreu um caso desagradável. Estávamos prestando exames sôbre teoria de motores. O professor, Réznikov(deu-me uma nota três **. Esfriei: era o primeiro três que eu recebia em todo o meu curso, o meu primeiro "regular" — punição pela minha excessiva autoconfiança. Era preciso reconhecer que a nota severa tinha sido dada com justeza, eu realmente não compreendera bem alguma coisa. E o aviador moderno não pode voar sem sólidos e profundos conhecimentos técnicos. Eu não queria ser apenas aviador, mas aviador-engenheiro, como outros muitos experimentadores de novas máquinas. Isto significa que a teoria dos motores de aviação, mesmo num volume não grande como o que se exigia dos alunos, devia estar na ponta da língua. Durante cinco dias mergulhei a cara nos livros, não saí para lugar nenhum, e no sexto dia fui prestar nôvo exame. O professor perguntou-me muito e rigorosamente. Em geral, na repetição do exame não se obtém nota superior a 4. Mas desta vez a regra não escrita foi violada, e obtive um 5. Senti a alma mais leve.

** A nota máxima, ótima, é 5 (I. do T.)

(Continua no próximo número)

As Novas Tendências na Obra de Jorge Amado

Jacob Gorender

Com a publicação de **Os Velhos Marinheiros**, três anos após **Gabriela, Cravo e Canela**, torna-se claro que êste último romance marcou o início de uma nova fase na obra de Jorge Amado. Antes de virem à luz **Os Velhos Marinheiros**, seria, a rigor, prematuro fazer semelhante afirmativa, pois **Gabriela** poderia ser apenas um momento episódico, sem que certas tendências nêle contidas viessem a ganhar posterior desenvolvimento. Agora, porem, não resta dúvida que o romancista deu grande avanço a essas tendências, o que marca verdadeiro **tournant** na sua atividade artística.

Em resumo, poderíamos assinalar essas tendências de modo tripice. Em primeiro lugar, o abandono da inspiração revolucionária, que havia levado o romancista a criar uma obra de ressonância popular legítima e excepcional. Em segundo lugar, a centralização do interêsse, revelado pelo tratamento dos temas e dos personagens, numa visão amoralista e carnavalesca das coisas humanas, visão que, afinal, se ajusta ótimamente à gente ociosa da alta roda e aos marginais desclassificados da sociedade. Em terceiro lugar, a queda do nível artístico, que se caracteriza bruscamente com a historieta de Vasco Moscoso de Aragão, incluída em **Os Velhos Marinheiros**.

Em **Gabriela**, as tendências acima apontadas ainda se encontram num estádio inicial. Há ali o levantamento, cheio de vivacidade, do ambiente de uma pequena cidade, a narrativa é movimentada e alegre, o que explica a merecida aceitação de amplo público. Por suas características, **Gabriela** veio se alinhar entre os romances chamados de costumes, de que são exemplos, no nosso passado literário, as **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida, e a **Casa de Pensão**, de Aluízio Azevedo. Entretanto, a par disso, em **Gabriela** já desaparece o sentido revolucionário do conjunto das obras anteriores de Jorge Amado, os conflitos sociais são poucos profundos, os trabalhadores passam para plano muito secundário e distante. O amoralismo, que, direta ou indiretamente, implica uma reconciliação confortadora com a sociedade existente, já se patenteia na própria personagem central, embora a sua espontaneidade algo primitiva poèticamente pintada pelo autor, torne êsse amoralismo mais sutil. E, enfim, se são inegáveis os seus méritos como realização do ponto de vista formal, não nos parece que **Gabriela** possa ser colocada no mesmo nível de **Jubiabá**, de **Terras do Sem Fim**, ou em sua maior parte, de **Seara Vermelha**.

Não faltou quem louvasse, quando do aparecimento de **Gabriela**, a superação por Jorge Amado do esquematismo tão marcante em **Subterrâneos da Liberdade**. E, de fato, seria de louvar tal superação, se se efetivasse **sem mudança de direção ideológica**. Foi, todavia, o que não se verificou.

Em **A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua** — novela com que se iniciam **Os Velhos Marinheiros** — Jorge Amado dá um passo adiante, seguindo a nova direção iniciada. A narração ainda é viva e colorida, alguns trechos têm sabor folclórico, mas a substância social é tênue, resumindo-se numa sátira à reação individualista pequeno-burguesa, sátira ligeira e superficial, uma vez que realizada do ponto-de-vista do lumpen-proletariado. O amoralismo se apresenta, agora, francamente como um caminho bastante razoável para aceitar a sociedade vigente, embora vivendo à sua margem. Da retirante simples e analfabeta, puramente instintiva, o romancista nos conduz ao boêmio Quincas, funcionário aposentado que, aos cinqüenta anos, resolve romper com o tédio da vida doméstica e ingressar no mundo da vagabundagem e da prostituição.

De **Quincas** passamos para **A Completa Verdade sôbre as Discutidas Aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, Capitão de Longo Curso**, romance também enfeixado em **Os Velhos Marinheiros**. Desta vez, as tendências a que nos referimos estão desenvolvidas ao máximo. Como levantamento de ambiente e de tipos, como substância social, o romance é o que pode haver de insignificante. Tôda a trama se resume numa anedota trivial, que, podendo ser contada, talvez com vantagem, em meia dúzia de páginas, foi esticada em 243. Através de episódios, que vão sendo amontoados como batatas num saco, o leitor é obrigado a se emaranhar nas banalidades de funcionários aposentados e satisfeitos e nas aventuras de boêmios da alta roda nos prostíbulos de Salvador. O romancista faz o que está em suas fôrças para envolver de simpatia e carinho o seu personagem central — tão diferente do portentoso negro Balduino —, agora o ôco Vasco Moroso de Aragão, herdeiro de rico comerciante e precursor provinciano, no princípio do século, do **play-boy** do nosso tempo. Ficamos com a visão de um carnaval, não do único acessível ao homem do povo — sôfrego intervalo de três dias no drama do ano inteiro —, mas do carnaval como modo de vida permanente como condição da irresponsabilidade diante da existência humana.

Acompanhando o caricato comandante, somos obrigados a enfrentar longa viagem a bordo de uma lta. de Salvador a Belém do Pará, viagem que prenenche, penosamente, cêrca da metade da historieta. E, ao invés da patética travessia dos retirantes de **Seara Vermelha**, num galeia do São Francisco, que Jorge Amado narrou com emoção e vigor, tivemos de enfrentar infindável sucessão de futilidades, na primeira classe do navio da Costeira. Para arrematar, por exemplo, que romancista de tamanha experiência viesse a perder o seu tempo e o dos leitores com o pífio episódio entre o «comandante» e a solteirona Clarinha, episódio em que socobram irremediàvelmente as possíveis intenções humorísticas do autor.

Os navios da Costeira também possuem terceira classe. Esta merece à pág. 247, ligeiríssimo parágrafo, que se encerra da seguinte maneira: «Era um espetáculo deprimente e o comandante voltou às modinhas e sambas da segunda classe.» A impressão recolhida é que na pele do «comandante» estava o próprio romancista, já desinteressado dos homens e mulheres da terceira classe, outrora os protagonistas de honra de suas obras.

Com tristeza, constatamos a ausência ou, quando muito, apenas a mais pálida manifestação daquelas qualidades que eram fortes em Jorge Amado: estilo poético narrativa dinâmica, colorido popular. A pornografia, que êle vinha reduzindo sensivelmente, ressurge, à falta de outros recursos, com exuberância.

Ao término da viagem e do romance a impressão definitiva é a de um naufrágio artístico.

A Completa Verdade, etc. vem, pois, caracterizar, com absoluta nitidez, a nova fase da atividade literária de Jorge Amado e, ao mesmo tempo, revelar que as suas possibilidades artísticas, dentro da direção recentemente tomada, não demoraram em se esgotar. E' evidente que qualquer escritor está sujeito a produzir obras de nível desigual, de maneira que os seus trabalhos menos felizes não constituam senão fenômenos eventuais. No caso de Jorge Amado, entretanto, parece-nos que não se trata de algo eventual, mas da crescente imposição de tendências negativas.

Não é que pensemos estar a sua obra anterior isenta de defeitos. Acima mencionamos o esquematismo e outros defeitos poderiam ser apontados, como, aliás, não faltou quem o fizesse. A questão é que aquela obra trouxe, em primeiro plano, no seu conjunto, grandes, extraordinárias qualidades, sendo de esperar do romancista que fôsse capaz, com o tempo e experiência, de superar os seus aspectos débeis. Sem que abandonasse mas antes desenvolvesse a orientação ideológica revolucionária, razão maior de sua glória. Diante dos fatos entretanto, a crítica honesta reconhecerá que ao afastar-se de tal orientação, Jorge Amado não encontrou o caminho para o pleno florescimento do seu comprovado talento criador.

Canto de Página

SOFREM OS AMBULANTES

Eneida

Até parece que são escolhidos semanal ou mensalmente aquêles sôbre quem o governador Lacerda desencadeia seu ódio. Anda o ódio a sôlto sôbre tôdas as nossas cabeças. Agora chegou a vez dos ambulantes.

São muitas vêzes aleijados ou estropiados pela vida que têm, sua organização e muitas vêzes licença para vender coisas nas esquinas e nas praças. Muito posso contar sôbre êles porque muitas vêzes tenho assistido a polícia espancá-los, pisá-los, cometer humilhações diante de todos como se fôsse necessário que tôda gente assistisse tanta maldade, com a luz do sol brilhando.

Desde logo devo confessar que sou também fã dos camelôs. Paro para ouvi-los contar as maravilhas dos seus produtos e quando acho que êles são inteligentes demais para um trabalho tão duro, compro o que vendem. Lembro que uma vez Eugênia Alvaro Moreira, a grande e querida Eugênia, vinha comigo pela rua, quando encontramos um dêles fazendo misérias com uma caneta. O homem era caligrafo e apregoava as canetas que vendia como sendo capazes de realizar sòzinhas todos os tipos de letras. — O que quer o senhor aí? Ronde ou gótica? E com a caneta ia traçando os tipos que o assistente desejava. Paramos, Eugênia e eu e ela falou: — Devemos comprar canetas dêsse homem; é ousado demais. Com uma audácia assim tão mal empregada fico mais uma vez convencida que ser camelô é uma profissão que requer muita inteligência. Inteligência demais. São uns gênios.

Sôbre êles também caiu o ódio lacerdista. E como são espancados. Ao grito de rapa, como correm os heróis. Como sofrem se por acaso não conseguem correr a tempo dos cassetetes e dos socos.

Os que vendem frutas deixam no chão as marcas de suas presenças: rolam laranjas, maçãs, enquanto que os tiras, como feras vão carregando as mercaderias abandonadas ou prendendo com a mercadoria os vendedores.

Aquêle que nunca assistiu cenas dessas não deseje encontrá-las no caminho. São tristíssimas. A gente fica raciocinando com simplicidade, pela lógica: se êsses homens roubassem eram presos como ladrões e condenados. Como procuram se defender ganhando a vida honradamente, mesmo em desrespeito ao fisco, são também presos e apanham. Como é duro, mas como é belo viver. Veremos quais são as vítimas lacerdistas das próximas semanas. Agora, pobres dos vendedores ambulantes e dos camelôs.

Almir e Renato autografam

Almir Matos e Renato Mazze Lucas atraíram centenas de admiradores à Livraria São José, sexta-feira, dia 21, quando autografaram exemplares de seus livros "Cuba: a revolução na América" e "Anum Branco e outros contos".

Anotamos a presença de Luiz Carlos Prestes, do embaixador Alvaro Lins, o deputado Napoleão Dória (representando o ex-governador de Sergipe Leandro Maciel), dr. João Mendonça, os escritores Rui Facó, Milton Predosa, Beatriz Bandeira, Alina Paim, Miguel Costa Filho, Valdemar Cavalcanti, Dalcídio Jurandir e Alberto Passos Guimarães, o filólogo tchecosiovaco Zdenek Hampejs, e a delegação sergipana ao Congresso da UNE, que veio homenagear seu conterrâneo Renato Mazze Lucas.

A festa prolongou-se das 17 às 20 horas, tendo sido autografados dezenas de exemplares dos dois livros.

Vemos nas fotos, Almir e Renato quando assinavam dedicatórias.

Acadêmico Álvaro Lins: Conselho Nacional de Cultura é Tradução Literal do Conselho do III Reich

"Por um decreto presidencial, de surprêsa, o sr. Jânio Quadros criou um Conselho Nacional de Cultura mais do que desnecessário: esdrúxulo. Deve o presidente saber, porém o que faz. Designou para fazer parte do Conselho, algumas figuras da vida cultural brasileira realmente valiosas e representativas. Digo-o, sobretudo, quanto à parte de literatura, em que me julgo pouco mais apto para ajuizar. Veja-se, não obstante, o escândalo nessa matéria de uma das muitas indeterminações e equívocos vários da política de dupla face do sr. presidente da República. Aquelas figuras ilustres foram escolhidas e designadas para compor o Conselho como uma corbeille de flôres em exposição propagandista, mas vinham postas de antemão para se enquadrarem numa moldura previamente fabricada por alguns dos semi-ocultos assessôres da Presidência da República nos ermos de Brasília. E que moldura? A do Regulamento ou Regimento para o Conselho Nacional de Cultura já foi feito numa qualquer antecâmara palaciana por algum assessor do presidente da República. E qual a fórmula, por exemplo, de conceituação de tal Conselho, para o qual estão designados — e receberam a designação como um UKASE — algumas figuras por todos os títulos respeitáveis, de filiação democrática, várias delas notòriamente esquerdistas? Ah, sim, o artigo primeiro, ou seja, a conceituação e definição do novel-janista Conselho Nacional de Cultura, é uma tradução pode-se-ia dizer literal do Conselho Nacional de Cultura do Terceiro Reich. Pois, o que rezava, com efeito, o Texto original do artigo primeiro, definidor do Conselho de Cultura do dr. Goebbels? Que fôra criado para formular a política cultural do Estado alemão. Isto é: do Estado nazista, está claro. Pois também, com êsse mesmo objetivo de formular a política cultural do Estado — do Estado brasileiro, está claro, mas do ESTADO, de qualquer forma... — é que foi estruturado, em regulamento prévio, o Conselho Nacional de Cultura do dr. Jânio. A isto, por cima, uma GAFE vinha ajuntar-se: é que já existia, criado no Brasil, também mediante legislação brasileira — e não extinto, embora sem funcionamento — um similar ou idêntico Conselho Nacional de Cultura. Isto é: vindo da era do Estado Nôvo naturalmente bem típico dos seus mentores intelectuais no gênero Francisco Campos-Santiago Dantas, pois data de primeiro de julho de 1938, por fôrça do decreto lei número 526. E esta informação à respeito da vigência de tão brilhante órgão estadonovista poderá ser fàcilmente encontrada no número 80, vol. 34, outubro-dezembro 1960, da **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, edição do INEP, exatamente uma lista de órgãos integrantes do Ministério de Educação e Cultura. Do mesmo Ministério de Educação e Cultura, onde, se não me engano, foi determinado que viesse a integrar-se o Conselho Nacional de Cultura de 1961, em duplicata desconfortável, mas inevitável, do seu congênere de 1938".

(Trecho da entrevista concedida pelo embaixador Álvaro Lins a "O Estado de São Paulo" de 2 de julho).

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Para Tristão de Athayde, não foi por si... condição de país subdesenvolvido que o Brasil estêve impossibilitado de prestar até hoje qualquer contribuição realmente significativa ao avanço das ciências filosóficas. Não foi porque a dependência econômica e o atraso impussessem aos brasileiros a situação de marginais em face da elaboração cultural dos grandes centros. Foi, apenas, por causa do nosso temperamento», de um traço essencial à nossa «índole». Vejam o que escreveu, no JORNAL DO BRASIL de 21-7, o desditoso spendador católico:

«somos impacientes demais, como povo, para nos aterrmos à concentração que a filosofia exige... Mais devagar com o andor, mestre.

* * *

Por mais fôrça que faça, entretanto, Tristão de Athayde dificilmente alcançará o nível anedótico dos escritos dêste outro mestre que é o professor Eugênio Gudin.

Gudin é o maior!

Qual é o «intelectual» reacionário que, entre nós, teria coragem de investir contra Brasília nos têrmos em que, desvairado, investe o arquiancião das finanças?

No O GLOBO de 17-7, êle chega a proclamar: «Não tenho dúvida de que, se o presidente Jânio Quadros tivesse decidido «congelar» o empreendimento, mesmo ao risco de perder os 130 bilhões já ali investidos, teria prestado um excelente serviço ao Brasil...»

* * *

No dia 19-7, Gudin opinou no sentido de que a chave do nosso desenvolvimento econômico é a importação de mão-de-obra tècnicamente habilitados, e a solução do problema agrário no Brasil é a importação de peritos capazes de sanar-se nossa carência de gente capaz e preparada».

E' admirável o entusiasmo do idoso catedrático pela idéia de importar homens.

No artigo de segunda-feira, sempre no O GLOBO, Gudin encontra, todavia, um homem que não precisou ser importado para entusiasmá-lo: o ingresso governador da Guanabara, Carlos Frederico de Lacerda. Tecendo loas a este varão intimorato, aponta-o como vítima de uma conspiração peteco-comuno-fidelo-nacionalista. E denuncia os objetivos dos conspiradores: querem encostar o governador em um «paredão»!

* * *

Ah, o «paredão»...

Em seu antinacionalismo furibundo, o professor Gudin só tem um receio, que é o de que, mediante o recurso dos seus adversários o encostem no «paredão». Mas esse receio não tem a menor razão de ser.

Enveredando o Brasil pelo caminho do socialismo, o professor Gudin não corre perigo de tombar ao pé de um «paredão» e sim de ser tombado pelo Pai-mônio Histórico.

Porque, antes de existir como ser humano, Gudin existe como relíquia dos tempos coloniais.

ESCOLA PÚBLICA E REFORMA UNIVERSITÁRIA ELEGEM NOVA DIRETORIA DA UNE

Registrando uma maioria recorde (262 votos) na história dos Congressos universitários, o Congresso Nacional dos Estudantes, realizado em Niterói de 16 a 23 do corrente, os novos dirigentes da União Nacional dos Estudantes para o período 61/62. A chapa vitoriosa tem na presidência o universitário de Direito, Aldo Arantes, anteriormente presidente do Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e apresentou como pontos principais de sua plataforma a reforma universitária e da Escola Pública e o incremento vigoroso da luta que a UNE vem liderando por uma Reforma Universitária.

Compareceram ao Congresso mais de 800 delegados, que, além de elegerem os novos dirigentes da UNE, examinaram e aprovaram o Relatório de Atividades e a Tomada de Contas apresentados pela diretoria cujo mandato expirava, debateram (em comissões especiais e no plenário) Assuntos Educacionais, Problemas Nacionais e Problemas Internacionais, e redigiram uma Declaração de Princípios e um Programa Mínimo Administrativo, a que foi conferida pela nova diretoria.

ESCOLA PÚBLICA

"A educação é um direito de todos os indivíduos, indiscriminadamente: assegurá-la democrática e gratuitamente é um dos deveres fundamentais do Estado, sendo que o Estado financiará exclusivamente a Escola Pública". Este é o item 6 da Carta de Princípios aprovada pelo Congresso. O documento norteador da atividade política da gestão que ora se inicia determina ainda, entre outras medidas: a) luta pela imediata nacionalização dos depósitos bancários estrangeiros e pela regulamentação da remessa de lucros do capital forâneo para o exterior; b) luta por uma Reforma Agrária radical; c) defesa vigilante da existência das Ligas Camponesas como forma legal de organização dos homens do campo e como seu instrumento autêntico de luta por uma Reforma Agrária verdadeira; d) respeito e defesa da autodeterminação dos povos contra qualquer forma de agressão, e reconhecimento do direito que têm os povos de escolherem o regime político que lhes aprouver; e) exigência de imediata abertura de relações comerciais, diplomáticas e culturais com todos os povos do mundo; f) apoio ao desarmamento total e universal, como única maneira de eliminar-se definitivamente o perigo das guerras de extermínio.

QUEBRANDO TABUS

O Congresso, ao recomendar uma campanha para a extensão do direito de voto aos analfabetos e praças de pré, consagrou uma reivindicação democrática que vem de vão, em Congressos anteriores, conseguir o "agreement" dos universitários. Outro tabu aniquilado desta feita diz respeito às relações internacionais da UNE: após ser proposta sem sucesso durante vários anos seguidos a filiação da entidade máxima dos universitários brasileiros às organizações internacionais de estudantes foi recomendada pela unanimidade dos congressistas. Será das primeiras medidas da nova diretoria solicitar a inclusão da UNE na União Internacional de Estudantes (UIE) e na Secretaria Coordenadora de Uniões Nacionais de Estudantes (COSEC).

TEATRO POPULA

Falaram aos estudantes em Niterói o desembargador Osny Duarte Pereira e o professor Germano Coelho. O primeiro proferiu aplaudidíssima (de pé) conferência sôbre a Revolução Cubana e o professor Germano Coelho explicou aos jovens em que consiste e quais os objetivos do vitorioso Movimento de Cultura Popular, da Prefeitura do Recife.

Obteve consagrador êxito a noitada artística da reunião, durante a qual foi encenada a peça de vanguarda "A vez da recusa", de Carlos Estevam, por um grupo teatral dirigido por Francisco de Assis, do Teatro de Arena.

PRESIDENTE FALA A NR

"Como tarefas fundamentais do movimento estudantil no momento, é claro que a luta pela Reforma Universitária e a defesa da Escola Pública universal e gratuita constituirão a tônica da nossa gestão", disse a reportagem o novo mandatário máximo da UNE. E acrescentou: "No terreno político, a UNE continuará na luta anticolonialista e antiimperialista, bater-se-á pela defesa da autodeterminação dos povos e da soberania dos países subdesenvolvidos, lutará pelo desarmamento e para contribuir para a paz mundial, e exigirá a aplicação total dêsses princípios à política internacional do nosso país. Estaremos ao lado das massas espoliadas, lutaremos por uma Reforma Agrária, pela superação das desigualdades regionais, pela manutenção, e extensão a todos, dos direitos e prerrogativas constitucionais e por uma clara definição de nossa política econômica em têrmos nacionalistas."

ADMINISTRAÇÃO

"No tocante à administração — prossegue Aldo Arantes — tentaremos combater a grande chaga do movimento estudantil brasileiro: a crescente desvinculação entre as cúpulas e as massas. Para isso pretendemos: 1) tornar a UNE itinerante, com seus diretores visitando todos os Diretórios Acadêmicos do Brasil; 2) manter permanente contato com as Uniões Estaduais de Estudantes, dando-lhes o máximo de assistência; 3) pôr em prática a recomendação do Seminário de Reforma sôbre "uma escola em cada Diretório" para a alfabetização de adultos; 4) dinamizar os Boletins Informativos da entidade; 5) realizar uma pesquisa social sôbre participação estudantil e papel das entidades em todos os centros de ensino superior do país; 6) criar um Centro de Estudos, como assessoria, para que sejam sempre responsáveis e estudados os pronunciamentos políticos da organização."

CONSELHO EXTRAORDINAR...

Concluindo suas declarações, Aldo Arantes revelou que um anteprojeto de Planejamento Administrativo está urgentemente elaborado e enviado às Uniões Estaduais para que estas o estudem. Em fins de agôsto será convocado um Conselho Extraordinário para apreciar as emendas que as UUEE apresentarem ao anteprojeto e elaborar o definitivo Plano de Administração da União Nacional dos Estudantes.

A DIRETORIA ELEIT/

E' a seguinte a constituição integral da chapa vencedora em Niterói: presidente, Aldo da Silva Arantes (Guanabara); vice-presidente de Coordenação Universitária, Alvaro José de Oliveira (Paraná); vice-presidente de Assuntos Educacionais, Marco Aurélio Garcia (Rio Grande do Sul); vice-presidente de Problemas Nacionais, Mario Lucio Alves Bastos (Minas Gerais); vice-presidente de Assistência Universitária, Amaral Meira Roberto Atila (Ceará); vice-presidente de Intercâmbio Internacional, Clemente Rosas Ribeiro (Paraíba); secretário-geral, Frederico Brandão (Maranhão); 1º secretário, Irajá Caetano (Goiás); 2º secretário, Paulo Oliveira Fraseneti (Rio Grande do Norte); tesoureiro, Adalberto Pinto de Carvalho (Sergipe).

REELEITO JARBAS

Coincidindo com o dos universitários, os secundaristas brasileiros realizaram em Goiânia o seu congresso nacional, ocasião em que foi eleita a nova diretoria da União Brasileira dos Estudantes Secundários. Também entre os jovens alunos dos cursos médios o nacionalismo e a democracia prevaleceram, tendo sido eleita uma composição encabeçada por Jarbas Santana, que assim é reconduzido por seus colegas à presidência da UBES.

Escritores em Festival

Calcula-se em 50 mil o número de pessoas que, na noite de segunda-feira, dia 24, encheram as dependências do Shoping Center, em Copacabana, na instalação do II Festival do Escritor, promovido por iniciativa da União Brasileira de Escritores. Mais de 500 autores de diversos Estados estiveram presentes à noite de autógrafos do Festival assinando livros de sua autoria, vendidos por figuras do mundo artístico e político. Entre as barracas mais visitadas pelos leitores figuraram as dos escritores editados pela Vitória: Dalcídio Jurandir, Alina Paim, Milton Pedrosa, Oscar Niemeyer, Beatriz Bandeira, Rui Facó, Geir Campos, Almir Matos e Renato Mazze Lucas. Uma das principais atrações do Festival foi a famosa romancista alemã Anna Seghers que, tendo como madrinha a srta. Anita Leocádia Prestes, autografou mais de uma centena de livros, especialmente o romance "Os Mortos Permanecem Jovens" (Editorial Vitória). O escritor Jorge Amado bateu o recorde de vendagem de livros. Durante tôda esta semana, realizam-se no Shopping Center debates e mesas redondas em tôrno de problemas relacionados com a criação literária. Na foto, a barraca em que autografaram os seus livros os nossos companheiros Rui Facó ("Brasil, Século XX") e Almir Matos ("Cuba: a Revolução na América").

Divisionistas Realizaram "Conferência": Carvalho Pinto e Lacerda Foram Padrinhos

"Fizemos questão de comparecer para trazer palavras de aplauso a êsse retumbante movimento". Assim falou Carvalho Pinto, governador do Estado, numa reunião que teve o nome, também retumbante, de "I Encontro Interestadual do Sindicalismo Democrático", efetuado na capital paulista, nos dias 23 e 24 últimos.

Os aplausos do governador podem ter causado entusiasmo a meia-dúzia de pelegos de alto bordo — responsáveis por aquela iniciativa; a verdade, entretanto, é que tal manifestação de apoio, assim como outros fatos ocorridos durante o conclave, causaram estranheza a muitos dirigentes sindicais que lá se encontravam, arrebanhados através das manobras escusas, e de uma propaganda milionária pela qual afirmavam que o referido "encontro" serviria para reforçar as lutas da classe operária, livrando-a dos "lôbos maus" que a querem "engolir"... Nada de política nos sindicatos! — diziam os pelegos, convocando a reunião. Tudo por um sindicalismo democrático! Lutemos contra as ideologias estranhas ao povo brasileiro! Tais eram as "palavras-de-ordem" trombeteadas aos quatro ventos, para enganar os trabalhadores.

Que se passou entretanto?

Todos os que assistiram ou que acompanharam, pelos jornais, a farsa montada no auditório do IAPC, constataram os seguintes fatos:

Em primeiro lugar, tudo não passou de um ato político. Apenas não se tratava da política da classe operária, mas sim da dos patrões e do govêrno. Isto explica a presença e os aplausos do governador Carvalho Pinto, que demonstrou seu reconhecimento a meia-dúzia de "cupinchas", que se esforçam para dividir o proletariado e enfraquecê-lo em suas lutas. "Mais fácil — pensa, certamente, o governador — é dividir para evitar os movimentos reivindicatórios. Do contrário, com os trabalhadores lutando unidos, o govêrno é obrigado a lançar mão da política "baixar o pau" — o que não é bom, pois nós, os "salvadores da Pátria", perdemos nosso prestígio... E isto, além do mais, seria negativo para o meu candidato a governador, o José Bonifácio...

Realmente, os trabalhadores não esquecem certos fatos, como a onda de terror desencadeada em São Paulo contra os bombeiros, que reclamavam melhores salários; contra os professôres secundários, que lutam por melhores condições de vida. E ninguém se esqueceu ainda do massacre de jornalistas na rua Taguá, quando os mesmos procuravam informações sôbre a greve dos motoristas. Entretanto, ali estava o responsável por todos aquêles episódios vergonhosos, falando em democracia e nos direitos dos trabalhadores... E que é tudo isso, se não política suja, antipopular e contrária aos interêsses dos trabalhadores? Que é isso se não política patronal, divisionista e enganosa?

Mas para a pelegada, isto é puro sindicalismo...

«DEMOCRACIA»

Em segundo lugar, o "encontro" foi tudo, menos democrático. Centenas de milhares de trabalhadores, a imensa maioria da classe operária de São Paulo e de outros Estados, não puderam ser representados por seus dirigentes, pois os promotores da reunião, sabendo que a presença dos mesmos "entornaria o caldo", não permitiram que êles participassem. Para ter-se uma idéia do que foi a discriminação, basta enumerar as seguintes entidades que ficaram de fora: trabalhadores na indústria do papel e papelão, gráficos, metalúrgicos, têxteis, químicos, alimentação, marceneiros, carnes e derivados, construção civil, bancários, etc., além de diversas federações, como a dos têxteis, ferroviários e outros, sem mencionarmos numerosos e importantes sindicatos de outros Estados. Na verdade, os que se reuniram no auditório do IAPC, não passaram de uma reduzida minoria, devendo considerar-se, ainda, que grande parte desta não participou dos "trabalhos".

IDEOLOGIA DOS TRUSTES

Em terceiro lugar, a alardeada "luta contra as ideologias estranhas" não passou também de uma grande farsa. Todos sabem que a principal causa da miséria do nosso povo reside na exploração estrangeira, principalmente dos monopólios norte-americanos. Êstes, para manter o seu domínio e garantir seus lucros, propagam uma ideologia nociva, antinacional, a fim de justificarem a espoliação do nosso povo. Êles contam com "amigos" no Brasil, desde industriais e governantes, de donos da imprensa e do rádio, até os falsos dirigentes sindicais, para propagar a sua ideologia... Esta deve ser combatida, sem dúvida, e os trabalhadores sabem disso.

Que diz, entretanto, a "declaração de princípios" aprovada na citada reunião? Procura combater a ideologia dos trustes que prejudicam tantas famílias brasileiras — a maioria esmagadora do nosso povo? Procura demonstrar que a principal luta que a população brasileira enfrenta é contra o imperialismo norte-americano, contra o monopólio da terra? Denuncia as leis antidemocráticas que restringem a participação popular nos destinos do país? Nada disso. O que a tal "declaração" afirma, com tôdas as letras, é o seguinte: "Dentre os perigos que ameaçam mais intensa e urgentemente a democracia, está o comunismo. Por isso, os democratas devem combatê-lo com prioridade e por todos os meios"...

Não é de estranhar, portanto, que os "pelegos democratas" dirigidos pela Embaixada Americana, tenham feito aprovar uma nossa moção, contrária à legalidade do Partido Comunista... Assim agem os "puros sindicalistas", que berram aos quatro ventos: "Nada de política nos sindicatos." Por aí podem os trabalhadores medir a "esperteza" dos que se propõem a salvá-los, de mãos dadas com o governador do Estado, com o famigerado governador da Guanabara, sr. Carlos Lacerda, que também mandou representante ao encontro da pelegada, para bater palmas naquele espetáculo vergonhoso, ao qual não faltaram "líderes" como Deocleciano de Holanda Cavalcanti, que "aliviou" 8 milhões de cruzeiros do Fundo Sindical; de Francisco José de Oliveira, que só faltou carregar o cofre da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação; de Angelo Parmiggiani, Ari Campista e outros conhecidos agentes da ORIT — órgão internacional especializado em dividir os trabalhadores para melhor entregá-los à exploração dos patrões e dos trustes norte-americanos.

Eis a que se reduziu, na verdade, êsse "retumbante movimento", que mereceu a presença e os aplausos "calorosos" do governador de São Paulo, e do não menos governador Carlos Lacerda...

Colégio católico viola leis do ensino

CARUARU, Pernambuco (do Correspondente Manoel Messias) — "Apesar de todos os defeitos, estamos num país democrático" — com esta frase o juiz do pequeno município de São Caetano concedeu mandado de segurança ao estudante Romero de Figueiredo (que vemos na foto quando falava ao correspondente de NR), impetrado com o objetivo de garantir a sua matrícula no segundo ano do curso científico do Colégio Diocesano desta cidade pernambucana.

A história dêsse mandado de segurança começou no início do período escolar do corrente ano, quando o padre Sebastião Rodrigues, diretor daquele educandário católico se negou a fazer a matrícula do jovem Romero, que terminara o primeiro ano com brilhantismo. Fascista conhecido e perseguidor de estudantes que defendem as causas democráticas e patrióticas, o prelado investiu contra Romero e, alegando que o mesmo era "socialista e ateu", lhe negou o direito de prosseguir o curso. Violou assim tôdas as disposições legais existentes no país em matéria de ensino, pois nada justificava a decisão e ainda mais porque Romero é conhecido como estudante exemplar, aplicado e disciplinado.

Negada a matrícula, o jovem procurou seus direitos. Foi a Recife, onde se entendeu com autoridades da Secretaria de Educação do Estado. Estas, reconhecendo que o que se cometia era uma arbitrariedade, alegou não poder intervir e encaminhou Romero à Inspetoria Seccional. Ali, êle recebeu a promessa de que seria matriculado.

Tal não ocorreu, entretanto. Em virtude disso, e como a questão ultrapassara os limites de um caso particular, movimentaram-se os estudantes de Caruaru, inclusive os do Colégio Diocesano, organizando uma campanha de solidariedade ao jovem e da qual participaram também, os sindicatos e associações do município. Manifestações de solidariedades foram realizadas, assim como se verificaram protestos vigorosos contra a direção do educandário católico.

A sentença afinal foi dada pelo magistrado de São Caetano. O jovem Romero de Figueiredo deverá ganhar a matrícula a que tem direito, matrícula essa obtida inclusive através da concessão de uma bôlsa de estudos doada pelo govêrno federal depois de um concurso em que Romero foi o único aprovado.

Comissão Provou: Aumento Dos Coletivos em Curitiba é Extorsão Contra o Povo

CURITIBA, julho (do correspondente) — A população curitibana participa ativamente da batalha contra o pretendido aumento das tarifas dos transportes coletivos, que está sendo exigido das autoridades municipais pelas emprêsas concessionárias.

Discordando inteiramente da posição do prefeito Iberê Matos, que já se manifestara favoràvelmente ao aumento, a Comissão Municipal de Transportes Coletivos entregou, no dia 14, circunstanciado relatório sôbre a questão, em que conclui pela não concessão do reajustamento solicitado.

As conclusões a que chegou o relatório, segundo informou o engenheiro Pedro Mortensen Neto, se baseiam em estudos feitos partindo das tarifas existentes em 1959. De lá para cá, o aumento por custo quilométrico que se verificou foi da ordem de 60%, elevando-se mais ainda depois do último aumento concedido em novembro de 1960, que em certos casos atingiu o índice de 90%. Diante dêsses números, à Comissão não restou outra alternativa que se pronunciar contrariamente ao reajustamento de tarifas solicitado pelas emprêsas.

A divulgação do relatório provocou viva satisfação na cidade, e as entidades sindicais e estudantis vão utilizá-lo em larga escala para desmascarar os argumentos dos proprietários das companhias de transporte coletivo e convencer o prefeito Iberê de Matos a recuar nos seus propósitos aumentistas.

CONSTRUÇÃO CIVIL: VITÓRIA DA CHAPA UNITÁRIA

CAMPOS, junho (do Correspondente) — Os trabalhadores da Construção Civil desta cidade, elegeram por esmagadora maioria de votos a chapa unitária que concorreu às eleições para a renovação da diretoria.

São os seguintes os eleitos: Jair Alves Pinto, presidente; José Gonçalves de Almeida, secretário; Alexandre Rodrigues, tesoureiro; Suplentes da diretoria: Luis Barbosa Fiúza, Francisco de Souza Moço e Hilton Catarino de Araújo. Conselho Fiscal: Adair Nunes, Manoel Ribeiro Machado e João Urbano de Araújo. Suplentes do Conselho Fiscal: José Gomes dos Santos, Clarindo de Oliveira Gonçalves e Pedro Cabral. Representantes no Conselho da Federação: Jair Alves Pinto, José Gonçalves de Almeida e Alexandre Rodrigues. Suplentes: Manoel Ribeiro Machado, Adair Nunes e Hilton Catarino de Araújo.

ÁGUA E ESGOTOS: CHAPA UNITÁRIA PERA ELEIÇÕES

CAMPOS, junho Do Correspondente) — Os trabalhadores em Águas e Esgotos desta cidade, tendo à frente os líderes José Azeredo, Sebastião Barbosa, José Brício, Clemente Araújo, Francisco David, Salvador Maria, Décio Santos e outros, organizaram uma chapa para concorrer às eleições da União. O programa da chapa de unidade apresenta uma plataforma com as seguintes reivindicações: pagamento da taxa de insalubridade, abono-família, sede própria, creche para os filhos das funcionárias e outras.

FERROVIÁRIOS NÃO GOSTARAM DE GASHIPO

CAMPOS, junho (do Correspondente) — Os ferroviários desta cidade receberam com desagrado e profundo mal-estar a conferência pronunciada na Delegacia Sindical dos Ferroviários pelo general Gashipo Chagas Pereira, ex-administrador da Leopoldina.

O conferencista pretendeu, em sua palestra, defender a política econômica do govêrno Jânio Quadros e se referiu desairosamente à situação cubana. Por causa disso, foi bastante aparteado e criticado pelos trabalhadores que presenciaram o ato.

APOSENTADOS TÊM NOVA DIRETORIA

CAMPOS, junho (Do Correspondente) — Com um fecundo programa de realizações, em favor dos Aposentados e Pensionistas de Campos, foi eleita a chapa "Pau Puro", composta dos líderes Agapiro dos Santos, presidente, Altino dos Santos, vice-presidente; Benedito Silva, secretário; Manoel Peçanha de Aquino, segundo - secretário; Amâncio Rodrigues, bibliotecário; Antônio da Silva Tavares, procurador; Roberto Mello, tesoureiro; Antônio Silva Araújo, segundo tesoureiro; Conselho de Sindicância: Antônio da Conceição, Manoel Lírio Inocêncio - Bianino Nicolau; Conselho Fiscal: Honorato [illegible] Antônio Luiz [illegible] e Jerônimo das Chagas.

IMPERIALISMO FAZ CAMPANHA IDEOLÓGICA NO NORDESTE

FORTALEZA, Julho (do correspondente) — O Ceará está sendo, no momento, alvo da ofensiva ideológica desfechada pelo imperialismo norte-americano. Sucedem-se em Fortaleza as missões ditas "culturais", de "formação espiritual", ou simplesmente "evangélicas", tôdas, no entanto, objetivando um só fim: a justificação da dominação imperialista em nosso país! Os teóricos de tão inglórias cruzadas procuram, hàbilmente, incutir na mente de seus ouvintes as supostas maravilhas do sistema de vida norte-americano, a inevitabilidade de uma nova guerra — no caso de uma vitória mundial do Socialismo — e, ainda, a necessidade da adoção de algumas reformas de superfície tendentes a assegurar a perpetração do capitalismo.

Como parte de tal ofensiva tivemos aqui, em dias do mês em curso, primeiramente a visita de uma certa "Cruzada de Restauração Moral", cujo dirigente, um senhor Enoch de Oliveira, deitou falação nos principais auditórios da cidade, sempre servido de ampla e suspeita propaganda. Mal termina sua missão a "Cruzada" do "professor" Enoch Oliveira, eis que chega para lhe suceder uma similar — a intitulada de "Campanha de Rearmamento Moral" — sob a chefia do conhecido camelô do imperialismo ianque, sr. Juarez Távora, e de outros quadros menos queimados, como o general R. L. Hugo Bethlem e outros.

A "Cruzada" do marecsal Juarez Távora, constituída de uma verdadeira troupe circense internacional formada de ianques, japonêses, alemães, suecos, indianos e até de um africano — elenco êste que prometia exibir-se em uma panacéia intitulada "O Tigre" — contou com uma espalhafatosa propaganda, sem similar, em nossa capital. Todos os meios de difusão foram-lhe assegurados. O govêrno do Estado, a reitoria da Universidade, os Comandos da 10.ª RM e da Base Aérea, o clero, os jornais, as estações de rádio e a televisora, ofereceram à "Cruzada" tôda a sorte de facilidades. Tôda esta coordenação de esforços, no entanto, redundou num fiasco. Os truões visitantes, apesar de todos os recursos propagandísticos de que usaram e abusaram, não lograram enganar aos cearenses, que, desde logo souberam destingui-los devidamente, isto é, como farsantes que eram, a serviço da inglória causa do imperialismo norte-americano! Se outros indícios não houvessem para identificá-los como tais, bastaria a presença do sr. Juarez Távora, por demais conhecido pelas suas atividades entreguistas.

Pelas suas origens e objetivos a pretensa "Campanha de Rearmamento Moral" foi recebida com indiferença, quando não com animosidade, pelo grosso da população de Fortaleza. Prova disso foram as vaias e os apupos que receberam os farsantes sempre que desfilavam pelas ruas da cidade.

PREGAÇÃO ANTICOMUNISTA

Falando aos jornais e rádios de Fortaleza o sr. Juarez Távora fêz, como de costume, a sua profissão de fé anticomunista afirmando, entre outras coisas, que "o mundo se encontrava frente a um dilema: a vitória do Comunismo ou a guerra atômica". Digressões semelhantes foram feitas pelo general Bethlem e seus acompanhantes, na fala que deitaram na Praça José de Alencar para um reduzido número de curiosos.

DESINTERÊSSE POPULAR

O povo de Fortaleza, cuja maturidade política já foi mais de uma vez demonstrada, recebeu com indiferença, quando não com animosidade, a visita dos farsantes da pretensa "Campanha de Rearmamento Moral". Êstes não só foram apupados nas ruas pelos populares, como foram duramente castigados pela verve tão conhecida dos cearenses. Malgrado todos os recursos de propaganda colocados ao dispor dos alienígenas, êstes não lograram arrastar a massa às suas ridículas encenações. Assim é que no "Estádio Getúlio Vargas", apesar de todos os esforços empregados, não compareceram à encenação da panacéia nipônica intitulada "O Tigre", mais do que alguns milhares de pessoas.

VIATURAS MILITARES

Enquanto isso, despertou viva indignação popular a utilização indevida de aviões e de viaturas militares no serviço de propaganda dos farsantes do "Rearmamento Moral". Três aviões da Base Aérea de Fortaleza foram vistos a soltar boletins de propaganda dos mesmos sôbre a cidade, enquanto as viaturas da 10.ª RM ficaram a rodar com os mesmos pelas ruas de Fortaleza, numa dispendiosa propaganda feita com o dinheiro da Nação, durante os dias em que a troupe aqui permaneceu. O fato causou espécie, principalmente por conhecer-se as determinações do presidente da República acêrca das anunciadas compressões de despesas e da utilização das viaturas oficiais.

LÍDERES SINDICAIS DENUNCIAM COMO DIVISIONISTA O 'ENCONTRO' DE S. PAULO

Em manifesto assinado pelos seus dirigentes, os mais importantes sindicatos e federações de trabalhadores do Estado de São Paulo manifestaram-se contra o "I Encontro Interestadual do Sindicalismo Democrático", recentemente realizado na Capital paulista. O documento recebeu assinaturas dos mais prestigiosos líderes dos metalúrgicos, marceneiros, gráficos, têxteis, químicos e trabalhadores em alimentação de todo o Estado, que denunciaram o caráter divisionista e diversionista do conclave, inspirado por interêsses patronais e antibrasileiros.

Esclarecendo a posição do legítimo sindicalismo brasileiro, diz o manifesto:

"Os últimos anos, tão ricos de acontecimentos e de ensinamentos de grande vulto para todo o movimento operário, foram pontilhados por greves e movimentos trabalhistas, viasndo à melhoria de nossos salários, face à elevação brutal do custo de vida, pagamento dos adicionais noturnos e insalubridade, o abono de Natal, a isenção do impôsto de Renda ao solteiro que percebe até Cr$ 22.000,00 por mês e o casado sem filhos até Cr$ 32.000,00 por mês, a Lei Orgânica de Previdência Social, etc.

Essas vitórias, só foram possíveis graças à unidade dos trabalhadores e suas entidades de classe. Os Pactos de Unidade Sindical, os Conselhos Sindicais e todos os tipos de organizações unitárias, incluindo conferências e congressos, propiciaram aos trabalhadores e empregados as resoluções necessárias para as lutas em prol de nossas reivindicações.

Tôdas as organizações criadas desde os "pactos" aos "conselhos", surgiram após as consultas feitas aos trabalhadores e por expressa vontade dêstes.

Os Sindicatos são orgãos representativos dos trabalhadores e só podem falar os seus dirigentes depois de ouvir os seus associados e a classe.

Considerando que os Sindicatos não fazem discriminações, nem de ordem política nem de ordem religiosa, contra os seus membros, que têm livre direito de filiação, qualquer posição de seus dirigentes em relação a dirigentes de outras entidades por motivos ideológicos, religiosos ou filosóficos, representa violência contra a verdadeira democracia sindical e contra os interêsses dos próprios trabalhadores.

Sendo todos os Sindicatos, portanto órgão essencialmente democráticos, quaisquer reuniões de dirigentes sindicais discriminatórias são contra a unidade sindical e contra os trabalhadores favorecendo a sua realização apenas aos divisionistas, aos inimigos das organizações sindicais e a todos que desejam impedir a organização e a conquista de dias melhores para os que vivem de trabalho.

O encontro que se projeta em nossa Capital para os próximos dias, rotulado de democrático, constitui um ato de violência contra a democracia sindical, vez que restringe sua área a uma parcela de dirigentes sindicais que preferindo a comodidade da burocracia, não toleram os que lutam e têm ideologias próprias.

Por que preferem o divisionismo êsses indivíduos?

Porque a unidade sindical buscada pela maioria esmagadora dos dirigentes sindicais e reclamadas pelos trabalhadores e empregados não serve aos seus pendores de burocratas e acomodados, incapazes de lutarem permanentemente contra os exploradores da massa que trabalha e sofre.

Repudiamos essa farsa sindical, que alguns pretendem realizar buscando a divisão. A desunião não interessa aos trabalhadores e contraria totalmente os princípios democráticos dos sindicatos, que não aceitam discriminações.

Os trabalhadores devem protestar contra tais ações de cúpula e nocivas aos seus interêsses. Devem reagir contra êsses sindicalistas mal intencionados. Êles poderão levar essa orientação antidemocrática para os orgãos que dirigem e amanhã restringirem a associação daqueles que divergem dos seus métodos e pensamentos.

Devemos unirmo-nos cada vez mais em tôrno de nossas reivindicações e sustentar com orgulho e virilidade a bandeira da unidade sindical, defendendo nossas conquistas democráticas e fortalecendo nossos sindicatos".

São Paulo, julho de 1961.

(as.) **José Mucin Filho** — Presidente em exercício do STIPPSP;
Silvestre Bozzo — Presidente do STIPPSP;
Luis Ferreira da Silva — Vice-Presidente do STIGSP;
Sebastião Tavares — 1.º Secretário do STIGSP;
Salvador Rodrigues — Presidente do STIMSP;
Remo Foril — Presidente do STIMSP;
Romildo Chiaparin — Presidente do SCTDSP;
José Xavier dos Santos — Presidente do STCCSP;
Silvio Aguilar — SMCMIFTSP;
Albertino dos Santos Alves — Presidente do STIVSP;
Rocha Mendes Filho — Presidente do STIGSP;
Luis Mucio — Presidente da Associação Gráf. Rio Claro;
Rubens Vasconcellos — Federação Bancários SP;
Osvaldo Soares Carezato — Presidente do SBSP;
João Carrascosa — SCARSP;
Benedito B. Camargo — Assoc. Gráf. de Marília;
Orlando Sposito — Presidente STIG de Santos;
Levy Bardi — Presidente Assoc. Gráf. de Araraquara;
Emilio Joaquim Fonseca — Presidente da Assoc. Gráf. de S. J. da Boa Vista;
Gentil Neves Correa — Presidente do STIPSP;
Adelço de Almeida — Presidente do STIQSP;
Constantino Lilano Netto — Fed. Músicos de SP;
Francisco Gomes — União Ferroviários da E. F. Sorocabana;
Venizio Pierotti — Presidente do STICSP;
Antônio Dozzo — Presidente do STFSJ;
Diogo Ruiz — STLSP;
Rafael Martinelli — Federação Ferroviários Brasil;
Irineu Simionato — STA de Campinas;
Jesus Ferreira — STA de Barretos;
Luis Antônio dos Santos — STL de Santos;
Luis Firmino de Lima — Presidente do STITSP;
Floriano Francisco Dezem Presidente da Fed. Trab. Quim. Farm. SP;
Arthur Avalone — Presidente da Fed. Trab. Ind. Text. SP;

ESTUDANTES OBRIGARAM GOVÊRNO ALAGOANO A READMITIR SECRETÁRIO

MACEIÓ, julho (Do Correspondente) — Os estudantes secundários desta capital realizaram numerosas manifestações de protesto e uma grande concentração diante do Palácio do govêrno depois de conhecida a notícia da exoneração do Secretário da Educação do Estado, professôr Deraldo Campos.

O fato que deu lugar aos protestos indignados dos secundaristas alagoanos foi provocado pela situação existente nos quadros do govêrno alagoano, dominado hoje pelo chamado grupo "amarelo" dos Lage e Gomes Barros. Controlando os principais postos do Executivo alagoano, os homens do referido grupo pressionaram o governador por tôdas as formas no sentido de criar problemas ao secretário da Educação. Este, tomando conhecimento das manobras palacianas e mantendo uma posição de independência e de não submissão aos interêsses dos elementos que hoje controlam a administração alagoana, resistiu até o ponto em que foi obrigado a renunciar para não pactuar com os desmandos.

Consumado o afastamento do professor Deraldo Campos, os estudantes se movimentaram e imediatamente proclamaram sua solidariedade ao secretário demissionário. A situação evoluiu de tal forma que o próprio governador foi obrigado a receber uma comissão de secundaristas e se comprometer diante dela a aceitar a reintegração do professor e a autorizar o mesmo a prosseguir na execução do plano de ampliação da rêde escolar alagoana e das atividades culturais no Estado.

Dep. Bocayuva: 204 Foi Golpe na Petrobrás

"As emprêsas estatais, emprêsas realmente pertencentes ao povo brasileiro e, sem dúvida, o elemento fundamental da nossa libertação econômica, pois nelas repousam as bases do nosso progresso e desenvolvimento industrial foram as grandes beneficiárias do chamado câmbio de custo. Só elas, apresentaram um conjunto no período de 1959 de mais de 70% dos pagamentos verificados". Partindo dessa constatação o deputado Bocayuva Cunha, da bancada do PTB na Câmara Federal, pronunciou discurso no plenário, em que analisou a política econômica do govêrno federal, mais precisamente os reflexos da Instrução 204 sôbre a indústria básica do Estado e as realizações e obras que o poder público edifica em todo o país. Apresentando dados e cifras, demonstrou que, ao contrário do que pretendem os defensores de "todos os aspectos da Instrução 204", quando afirmam que a mesma teria eliminado apenas uma "doação a grupos privados privilegiados", seus efeitos poderão ser desastrosos, exatamente para aquêles empreendimentos básicos ao desenvolvimento econômico independente do país.

Assim, assinalou: "Sem incluirmos os pagamentos em francos suíços e liras, a Petrobrás é responsável por 19,5% do total contabilizado das importações beneficiadas. Outra grande emprêsa estatal, a Cia. Vale do Rio Doce, fêz pelo menos 28% da utilização total do câmbio de custo para a importação, também sem computar francos suíços e liras.

"... Êstes pagamentos, como é óbvio, são proporcionais às importações feitas e representam só com estas duas emprêsas, a Petrobrás e a Vale do Rio Doce, 48% do total. Portanto, são essas entidades as que maiores compromissos futuros têm, em virtude das amortizações a pagar e as mais prejudicadas, portanto com a elevação do câmbio de custo".

Após demonstrar que, do total de pagamentos feitos a todos os países, de 1955 a 1959, que atinge a soma de 923,1 milhões de dólares, as emprêsas e departamentos estatais contribuíram com 503,5 milhões, o deputado petebista revelou a sua preocupação pelo futuro dêsses empreendimentos.

"A análise fria dêsses números causam-nos apreensão. — disse. As entidades estatais são as maiores beneficiárias do câmbio de custo. A duplicação dêsse câmbio de 100 para 200 cruzeiros está causando e causará ainda sérias dificuldades à vida dessas emprêsas que são do povo brasileiro. E há vários governos estaduais prejudicados não só pela duplicação dos compromissos pelos quais são responsáveis diretamente, como também pelos das emprêsas das quais são os principais acionistas como no caso da CEMIG e da Hidrelétrica do Rio Pardo".

Advertindo já sôbre a nova elevação do câmbio de custo que o govêrno pretenderia decretar — e que se consumou depois, com o estabelecimento da Instrução 208 — o deputado Bocayuva Cunha alertou severamente contra os maiores prejuízos que a mesma iria acarretar e perguntou se por acaso as autoridades federais estariam tomando providências orçamentárias necessárias para "corrigir, atenuar ao menos, as deficiências financeiras que êsses governos e essas emprêsas estão sofrendo".

Nesse sentido, o deputado Wilson Vargas, do Rio Grande do Sul, revelou alguns fatos relacionados com o Plano de Eletrificação do seu Estado. Afirmou êle que o mesmo teve seu orçamento gravado em 70% por efeito da Instrução 204 — em dinheiro, mais dois bilhões ao deficit de 3 bilhões de cruzeiros previstos originariamente. O govêrno federal, entretanto, afirmou o parlamentar, alardeia com a concessão de um crédito de 2 bilhões e 300 milhões ao Rio Grande do Sul, como se êle pudesse cobrir um déficit de 5 milhões nas despesas necessárias a suprimir de uma vez por tôdas as deficiências de energia elétrica do Estado.

Concluindo o seu discurso, o deputado Bocayuva Cunha referiu-se à necessidade de se zelar pela economia e pela estabilidade das grandes emprêsas estatais, que são a mola mestra do nosso progresso e da nossa libertação econômica definitiva.

"Se queremos dias melhores para o nosso país, para nossos filhos, temos de lutar para preservar e amparar essas emprêsas. Não devemos permitir, de forma alguma, qualquer que seja a orientação do govêrno, venha a enfraquecer-se, a debilitar-se a economia dessas emprêsas sôbre as quais repousa a grande base econômica do nosso desenvolvimento industrial... Não permitiremos se abastardem essas emprêsas e essas obras fundamentais ao nosso progresso e libertação econômica sob a falsa teoria ou sob o falso espírito de que é preciso impedir que o país entre num processo de estatização como dizem os adversários da entrada do Estado no campo industrial."

40º ANIVERSÁRIO DO PC DA CHINA: DISCURSO PRONUNCIADO POR LIU SHAO-SHI

O Partido Comunista da China comemorou, em junho último, o seu 40º aniversário. O acontecimento, de profunda importância para o movimento operário internacional, foi comemorado na China Popular com grandes manifestações das quais participaram delegações fraternais dos partidos comunistas e operários de numerosos países. O grande partido de Mao Tse-Tung, em seus 40 anos de lutas em defesa da causa dos trabalhadores e do povo chinês, marcou grandes êxitos que culminaram com a libertação do país do jugo imperialista e o início da construção do socialismo. Abaixo, transcrevemos o têxto do discurso pronunciado por Liu Shao-Shi no comício realizado em Pequim para comemorar a data.

Camaradas e amigos,

Estamos aqui reunidos, hoje, para comemorar o 40º. aniversário do Partido Comunista da China.

Os quarenta anos transcorridos desde a fundação do Partido da China têm sido anos durante os quais nosso Partido dirigiu o povo do país inteiro em lutas heróicas e obteve grandes vitórias, anos durante os quais o marxismo-leninismo foi amplamente divulgado na China e tem conseguido grandes vitórias.

Antes da fundação do Partido Comunista da China o povo chinês travou uma longa luta contra o imperialismo e o feudalismo, com novas fôrças avançando sempre que outras caíam, uma luta que nos leva a cânticos e lágrimas. Entretanto, essas fôrças jamais conseguiram uma autêntica vitória. E não foi senão depois que o marxismo-leninismo difundiu-se pela China, seguindo a Grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia, que o povo chinês encontrou a melhor arma teórica para sua emancipação. O Partido Comunista da China manejou esta arma e formulou objetivos, políticas e métodos adequados à luta para libertar o povo chinês. Daí em diante, a marcha do povo chinês, de vitória em vitória, tem sido irresistível.

Durante êstes quarenta anos o Partido Comunista da China, juntamente com o povo chinês, alcançou grandes realizações. Para resumir, o que foi alcançado consiste, principalmente, em duas coisas importantes:

Primeiro, nós levamos a cabo a revolução democrática do povo na China. Por sua fraqueza, a burguesia nacional chinesa não poderia dirigir a revolução democrático-burguesa até a vitória. A responsabilidade de dirigir esta revolução tinha que ser assumida pelo proletariado. Por muito tempo, muita gente tentou estabelecer na China o sistema de uma república burguesa, mas tôdas essas tentativas fracassaram. Na China, se uma república estava para ser erguida, ela tinha que ser uma república democrática do povo, sob a liderança da classe operária e baseada na aliança operário-camponesa. Nosso Partido uniu o povo de todo o país e, após vinte e oito anos, de 1921 a 1949, finalmente derrotou o poder reacionário do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo burocrático e estabeleceu a República Popular da China.

Segundo, nós temos feito progredir a revolução e a construção socialista na China. Isto tem sido feito por nós durante os últimos doze anos e continuamos a fazê-lo. A fundação da República Popular da China marcou o início da transição da revolução democrática para a socialista. O poder de Estado democrático popular chinês é, em essência, a ditadura do proletariado. Nos últimos doze anos completamos basicamente a revolução socialista e na construção socialista temos alcançado imenso sucesso. Um longo tempo é ainda necessário para transformar a China num grande país socialista, com indústria moderna e agricultura moderna, e moderna ciência e cultura. E um período histórico mais longo é exigido para realizar a transição do socialismo ao comunismo. Todavia, qualquer um pode ver que o sistema socialista já está estabelecido nesta grande terra e que a China não é mais um país estagnado, mas está avançando vigorosamente.

É um grande acontecimento na história do desenvolvimento do marxismo-leninismo que em um grande país, com uma população de 650 milhões, sob a liderança do Partido Comunista da China, a revolução democrática do povo tenha conseguido completa vitória, a revolução socialista tenha alcançado decisiva vitória e a construção socialista tenha atingido a vitória inicial. Antes e depois da Revolução de Outubro, Lênin muitas vezes prognosticou que a revolução chinesa e as revoluções de outros países asiáticos iriam produzir uma influência profunda e de longo alcance no curso da história da humanidade. Sua previsão começou a tornar-se realidade. Incontestàvelmente, a vitória da revolução chinesa mudou, até certo ponto, a correlação internacional de fôrças em favor dos povos e contra o imperialismo e todos os reacionários. Esta vitória foi, portanto, bem recebida por todos os trabalhadores e povos amantes da paz do mundo inteiro. Acarretou também a inimizade dos imperialistas, dos reacionários de vários países e do grupo revisionista iugoslavo. Os imperialistas os reacionários de vários países e o grupo revisionista iugoslavo têm estado e estão nos amaldiçoando venenosamente e continuarão a fazê-lo. Isto é inevitável e nada surpreendente. Mas isto não nos prejudicará nem um pouco.

Os fatos históricos de quarenta anos provaram que o Partido Comunista da China é um partido político marxista-leninista, grande, glorioso e de atuação correta. Êle tem sido inabalável em sua lealdade ao povo chinês e aos interêsses da nação chinesa. Nunca se curvou ou recuou ante inimigos domésticos ou estrangeiros. Tem conduzido o povo chinês a grandes vitórias e o levará a vitórias ainda maiores.

Quando voltamos o olhar sôbre os quarenta anos de história, rendemos alto tributo aos nossos gloriosos mártires da causa do comunismo, mártires da causa da libertação do povo chinês. Entre êles havia muitos membros do Partido Comunista, muitos trabalhadores e muitas pessoas de fora do Partido. Na luta deram sua última gôta de sangue e sacrificaram suas vidas. Êles viverão em nossos corações para sempre!

A história do Partido Comunista da China é a história da mais íntima integração da verdade universal do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução chinesa. O camarada Mao Tse-tung diz: "As vitórias da revolução e da construção em nosso país são tôdas vitórias do marxismo-leninismo. O princípio ideológico firmemente seguido por nosso Partido é o de unir intimamente a teoria do marxismo-leninismo à prática da revolução chinesa."

Em todos os períodos históricos do nosso Partido, tem sido o líder do nosso Partido, o camarada Mao Tse-tung, que se tem colocado na própria vanguarda e que tem sido o mais capaz de aplicar a verdade universal do marxismo-leninismo à prática concreta da China.

Defrontando-se com a extrema complexidade da revolução chinesa, o camarada Mao Tse-tung, corretamente, colocou e resolveu uma série de problemas teóricos e táticos, habilitando, assim, a revolução chinesa a superar um obstáculo após outro e a conquistar uma posição após outra.

Partindo de uma análise concreta das classes na sociedade chinesa, o camarada Mao Tse-tung traçou o curso histórico da revolução chinesa. Êle mostrou que a revolução chinesa deve se desenvolver em dois estádios; sendo o primeiro a revolução democrática do povo, e o segundo, a revolução socialista.

Os inimigos da revolução democrática da China eram o imperialismo, o feudalismo e o capitalismo burocrático e êles eram muito poderosos. Mas a latente fôrça revolucionária do povo chinês era ainda mais poderosa. O campesinato constituía a maioria esmagadora da população do nosso país. Formando uma sólida aliança operário-camponesa com as amplas massas de camponeses, e unindo à base dessa aliança as várias nacionalidades e o povo de tôdas as camadas revolucionárias, a classe operária chinesa pôde derrotar a êsses poderosos inimigos. O camarada Mao Tse-tung resolveu acertadamente os problemas do movimento camponês, da luta armada, da frente unida e da construção do Partido; êstes eram os problemas mais fundamentais da revolução democrática da China.

Durante a maior parte dos vinte e oito longos anos da revolução democrática do nosso país, a direção do nosso Partido estava certa. Em determinados períodos, entretanto, alguns erros de direita e de "esquerda" foram cometidos. Os mais sérios dentre êles foram o êrro oportunista de direita de Chen Tu-hsiu em 1927 e o terceiro êrro dogmático de "esquerda" de 1931 a 1934 sob a direção do camarada Wang Ming. Êstes erros todos violaram o que o camarada Mao Tse-tung corretamente advogara e infligiram perdas ao Partido e à causa da revolução popular. As muitas experiências positivas e negativas, que foram acumuladas por nosso Partido na sua luta, educaram o Partido inteiro e elevaram o nível da consciência política dos camaradas. Sob a direção do camarada Mao Tse-tung, o Partido superou tanto os erros de direita como os de "esquerda". A reunião de Tsunyi, em janeiro de 1935, conferiu ao camarada Mao Tse-tung a direção de todo o Partido. Daí por diante nossa causa revolucionária prosseguiu muito mais desembaraçadamente.

O movimento de retificação lançado no Partido em 1942, que durou mais de três anos, deu aos quadros de todo o Partido uma profunda educação, e êles aprenderam mais sôbre como integrar a verdade universal do marxismo-leninismo na prática concreta da revolução chinesa. A linha geral e as várias políticas específicas do Partido tornaram-se verdadeiramente compreendidas pela esmagadora maioria dos quadros do Partido. O estilo de ligar-se às massas, de fazer investigações e estudos e de procurar a verdade dos fatos, tornou-se o estilo único do Partido. Conseqüentemente no Sétimo Congresso do Partido, em 1945, todo êle conseguiu uma unidade sem precedentes sob a bandeira do pensamento de Mao Tse-tung. Isto assegurou que nosso Partido poderia conduzir corretamente as massas de todo o país, e, após o término da Guerra de Resistência Contra o Japão, poderia ser bem sucedido na grande Guerra de Libertação do Povo, e, assim, ràpidamente conquistar a vitória completa na revolução democrática do povo.

Na ocasião do 28º. aniversário da fundação do Partido Comunista da China, o camarada Mao Tse-tung publicou seu artigo bastante conhecido: "Sôbre a Ditadura Democrática do Povo". Este artigo explicava as gigantescas mudanças que haviam ocorrido desde que os progressistas chineses adotaram a concepção proletária do mundo como o instrumento para estudar o destino de uma nação. O artigo resumia nossa experiência básica no período da revolução democrática. Ao mesmo tempo, baseado nas condições específicas de nosso país, êle mostrava o caminho fundamental para a transição da revolução democrática para a revolução socialista.

Depois do estabelecimento da República Popular da China, levamos a cabo a reforma agrária antifeudal nas áreas recém-libertadas e ao mesmo tempo travamos grandes batalhas para suprimir contra-revolucionários e resistir à agressão dos Estados Unidos e auxiliar a Coréia; com isso, limpamos o caminho para a revolução socialista e para a construção socialista no nosso país.

Guiada pela linha geral e as várias políticas específicas para o período de transição ao socialismo, que foram lançadas pelo Comitê Central do Partido encabeçado pelo camarada Mao Tse-tung, pode-se dizer que nossa revolução socialista desenvolveu-se, relativamente, com rapidez e sôbre a transformação socialista da agricultura, devemos dizer o seguinte: aplicamos a teoria de Lênin da aliança operário-camponesa sob a ditadura do proletariado e sua teoria da cooperação agrícola; sistematizamos a experiência adquirida nas áreas de nossas bases revolucionárias no movimento pela ajuda mútua e a cooperação agrícola; e, de acôrdo com as condições concretas do nosso país após a libertação, confiamos nos camponeses pobres e na camada inferior dos camponeses médios, unimo-nos firmemente com o resto dos camponeses médios, usamos várias formas de transição e, assim, possibilitamos a nossa agricultura transformar-se de uma economia individual em uma economia coletiva socialista.

Sôbre a transformação socialista da indústria e comércio da burguesia nacional, devemos dizer o seguinte: aplicamos a idéia de Marx de que em certas condições o proletariado pode adotar a política de pagar uma indenização à burguesia e aplicamos as idéias de Lênin concernentes à política do capitalismo de Estado sob a ditadura do proletariado; sistematizamos a experiência de nosso Partido na sua política industrial e comercial nas bases revolucionárias e, de acôrdo com as condições concretas de nosso país após a libertação, levamos avante a política combinada de utilizar, restringir e transformar a indústria e comércio capitalistas e usamos várias formas de capitalismo de Estado, indo da mais baixa para a mais alta, a fim de alcançar essa transformação.

Durante a execução dos princípios e políticas mencionados, o Comitê Central do Partido corrigiu em tempo certos desvios de direita e de "esquerda" que ocorreram. Enquanto isso, em vários movimentos, nós constantemente sistematizamos nossa experiência e formulamos tôda uma série de políticas específicas que eram necessárias para levar a cabo a linha geral para a transformação socialista. O resultado foi que mais de 500 milhões de camponeses, conduzidos pela classe operária, tomaram o caminho do socialismo, em pouco tempo e em circunstâncias onde a agricultura não era ainda mecanizada. Além do mais, isso promoveu a transformação socialista dos artesãos individuais e da indústria e comércio capitalistas.

A luta entre o caminho socialista e o capitalista não terminou com a conclusão básica da revolução socialista no que se refere à propriedade dos meios de produção, e especialmente nas frentes política e ideológica, esta batalha continuará por um longo tempo. Em 1957, a revolução socialista no nosso país alcançou uma vitória decisiva nas frentes política e ideológica. Devemos seguir o caminho que o camarada Mao Tse-tung apontou em seu artigo, "sôbre o tratamento correto das contradições no seio do povo", traçar uma linha firme entre duas espécies fundamentais diferentes de contradições — aquelas entre o inimigo e nós mesmos, e aquelas no seio do povo — e adotar diferentes métodos para resolver continuamente as duas diferentes espécies de contradições que surgem no decorrer da luta entre os dois caminhos. Exceto no caso de inimigos, sôbre os quais a ditadura deve ser exercida, devemos resolutamente continuar a política de "partir do desejo de unidade, distinguir entre o certo e o errado através da crítica ou da luta, e chegar a nova unidade, numa nova base" a fim de resolver as contradições nas fileiras do povo.

Durante o período da transformação socialista, nosso Partido baseou-se na política preconizada pelo camarada Mao Tse-tung para conduzir a construção socialista lado a lado com a transformação socialista e alcançou grande sucesso no campo da construção econômica nacional, um sucesso sem paralelos na história chinesa.

O camarada Mao Tse-tung e o Comitê Central do nosso Partido aplicaram a teoria marxista-leninista na construção socialista, aproveitaram experiências da União Soviética e outros países socialistas na construção, e na base da nossa experiência no cumprimento do Primeiro Plano Qüinqüenal formularam a linha geral para a construção socialista da China — a linha geral de ir a tôda velocidade com altos objetivos de obter mais, mais depressa, melhor e resultados mais econômicos na construção do socialismo.

Qual é o significado básico dessa linha geral? É utilizar ao máximo a enorme potencialidade do sistema socialista para desenvolver as fôrças produtivas da sociedade, mobilizar todos os fatôres positivos, unir-se com tôdas as fôrças com as quais se pode unir, levar a cabo as séries de políticas de "caminhar sôbre as duas pernas", desenvolver nossa economia nacional de maneira planificada e proporcional e em alta velocidade, para que nosso país possa transformar-se de modo relativamente rápido, de país atrasado em adiantado.

Hoje, nosso país é ainda econômicamente atrasado. O imperialismo continua a nos provocar. O povo do nosso país clama urgentemente um fim para êste atraso. Não há a menor dúvida de que a linha geral do nosso Partido para a construção socialista corresponde às aspirações de todo o povo.

Guiado pela linha geral do Partido para edificar o socialismo, nosso país deu grandes saltos para frente em três anos consecutivos, desde 1958. Enquanto isso, no nosso campo, surgiram as comunas populares formadas por cooperativas agrícolas reunidas. Assim, a linha geral, o grande salto para a frente e as comunas populares vêm-se tornando as Três Bandeiras Vermelhas que estão conduzindo o povo chinês para diante.

Durante os três anos do grande salto para a frente, as metas projetadas para a indústria no Segundo Plano Qüinqüenal foram atingidas além do plano, uma base industrial moderna razoàvelmente grande está sendo construída e, conseqüentemente, a capacidade produtiva das indústrias de base aumentou duas ou mais vêzes. Na agricultura, têm sido empreendidos extensivamente projetos de reservatórios de água e, assim, têm sido criadas condições essenciais para o futuro desenvolvimento da produção agrícola. Nos campos da cultura e educação, tem, também, havido grande progresso nos últimos três anos.

Inspirados pelas Três Bandeiras Vermelhas — a linha geral, o grande salto para a frente e as comunas populares — as extensas massas de trabalhadores, camponeses e intelectuais têm manifestado grande entusiasmo e poder criador em cada frente de construção. Durante o movimento do grande salto para a frente as massas do povo colocaram sua poderosa fôrça em jôgo para criar uma vida nova e fazer uma nova história.

Os fatos provaram que é absolutamente certo e inteiramente necessário para o Partido Comunista da China e o povo chinês manter erguidas as Três Bandeiras Vermelhas da linha geral, do grande salto para a frente e da comuna popular.

Nossa linha geral é desenvolvida e aperfeiçoada através da prática, e várias políticas específicas e medidas essenciais para sua realização têm, também, que ser desenvolvidas e aperfeiçoadas, gradualmente, através da prática. Durante o grande salto para a frente dos últimos três anos levamos a efeito gigantescas realizações, e a linha geral e as várias políticas e medidas específicas têm sido tôdas desenvolvidas. Ao mesmo tempo, houve, também, algumas falhas no nosso trabalho, que, juntamente com a série natural de calamidades dos dois anos sucessivos, deram origem a algumas dificuldades temporárias. Num grande país como o nosso, com uma população de 650 milhões, um país que é econômicamente e culturalmente atrasado, seria inconcebível que um nôvo empreendimento tal como a construção socialista se realizasse sem falhas, sem incorrer em nenhuma dificuldade. A experiência histórica tem provado que nenhuma dificuldade, nenhuma falha, pode nos atemorizar; pelo contrário, temos sempre nos armado e tornado mais fortes e mais corretos, no sentido de prolongar nossas realizações e superar tôdas as espécies de dificuldades e falhas. Estamos plenamente confiantes que, sob a direção do Comitê Central, encabeçado pelo camarada Mao Tse-tung e sob a égide das Três Bandeiras Vermelhas, todo o Partido e o povo inteiro, certamente, unir-se-ão como um só, vencerão as dificuldades temporárias e continuarão nossa marcha triunfal.

Os quarenta anos de história do Partido Comunista da China têm provado que o avanço da China na revolução e na construção está inseparàvelmente ligado com a grande unidade de todo o povo. Em todos os nossos empreendimentos, a garantia fundamental para a vitória é esta grande unidade sob a liderança do Partido Comunista da China.

A grande unidade do povo chinês tem sido forjada no curso de prolongadas lutas pela revolução e a construção, suportou tôdas as provas e é, por isso, a mais firme espécie de unidade.

Conclui no próximo número.

LIU SHAO SHI

Soviéticos Despedem-se: Conhecemos Melhor o Brasil

O chefe da Missão Soviética, M. P. Georgadze, após a homenagem prestada à memória dos nossos pracinhas, dirigiu ao povo brasileiro a seguinte mensagem:

«Caros amigos, prezados cidadãos do Brasil. Permitam-me, antes de tudo, agradecer, sinceramente, aos organizadores da nossa palestra. Aproveitando a oportunidade que se me oferece, transmito aos cidadãos dêste Brasil cheio de sol as nossas saudações de amizade em nome de todo o povo soviético.

A nossa delegação, que veio ao Brasil em missão de boa vontade, teve amplas possibilidades de conhecer a vida e o trabalho do povo brasileiro. As nossas entrevistas com o exmo. sr. presidente Jânio Quadros e com outros membros do govêrno, com personalidades políticas e sociais do vosso País, os nossos encontros com o povo, foram muito amistosos, cordiais e úteis, permitiram-nos conhecer e compreender ainda melhor os problemas que se levantam ante o Brasil de hoje.

Durante a nossa estada em vosso País, a nossa delegação visitou a nova Capital do Brasil, a cidade de Brasília, o Estado do Rio Grande do Sul, São Paulo e agora termina sua visita no Rio. Temos conhecido muitas coisas interessantes do Brasil. Visitamos fazendas, as indústrias de aço, o Centro Social do SESI, em São Paulo, o Museu, a Universidade de São Paulo e a do Rio de Janeiro. Estamos convencidos de que vosso País alcançou grandes êxitos, e de que seu povo caminha firmemente para o progresso e para a prosperidade.

Agradou-nos, particularmente, a gente do Brasil, sua confiança nas próprias fôrças, seus sentimentos de patriotismo, dignidade e otimismo. A melhor impressão que nos ficou da estada em vosso magnífico País é a aspiração do vosso povo à paz, o seu afã de contribuir para o alívio da tensão internacional. Hoje, a nossa delegação colocou uma palma de flôres no monumento do Soldado Desconhecido, como homenagem aos valentes filhos do Brasil, que pereceram durante a última guerra contra a Alemanha fascista.

O povo soviético e o govêrno da URSS empregam perseverantes esforços para o restabelecimento de relações amistosas com todos os países. A paz é o mais anelado e íntimo anseio da humanidade. Todos os povos do mundo querem a paz e se empenham por ela. É justamente dêstes anseios que estão penetrados os propósitos do govêrno soviético, sôbre o desarmamento universal completo, sôbre a regularização pacífica do problema alemão, sôbre a liquidação do colonialismo e quanto a uma série de outros problemas internacionais inadiáveis.

O povo soviético empenha-se especialmente pela conservação da paz. O nosso povo, como nenhum outro povo, sofreu a guerra contra o hitlerismo. Não há família no nosso país que não tenha perdido durante a última guerra, pelo menos um de seus parentes. A guerra levou milhões de vidas humanas, causou destruições incalculáveis. Segundo as estatísticas, as destruições causadas pela guerra no nosso país alcançaram um global de 128 bilhões de dólares.

Não queremos que a tragédia de uma nova guerra se repita agora, com conseqüências terríveis, ainda maiores que as do último conflito. O caminho para assegurar uma paz duradoura não é fácil. É preciso superar muitos obstáculos e dificuldades. Mas, o govêrno soviético, como declarou em seu discurso de 15 de junho Nikita Kruschiov, continuará a aplicar esforços, visando a coexistência pacífica, a política de fortalecimento da paz e da amizade dos povos.

Os últimos anos se caracterizam pelo rápido desenvolvimento da mútua e colateral colaboração econômica e técnica da União Soviética com muitos países da Ásia, África e América Latina, que lutam pela consolidação da sua independência econômica. As formas desta colaboração são variadas: a colaboração técnica, na construção de emprêsas industriais, centrais elétricas, fornecimento de equipamentos e concessão de crédito. Esta forma de prestação de ajuda econômica a outros países contribuiu para ampliação de sua produção nacional, do comércio de exportação e para o fortalecimento da economia nacional, em seu conjunto. A União Soviética e o Brasil têm grandes possibilidades para ampliar a cooperação econômica, com vantagens mútuas.

Como sabemos, o ano de 1959 foi concluído com o Acôrdo Comercial Soviético-Brasileiro, que está sendo agora aplicado com êxito. Em meio dêsse ano, tiveram lugar, em Moscou, conversações sôbre o ulterior desenvolvimento do comércio entre a União Soviética e o Brasil. Durante a nossa estada no Brasil, os representantes de nossas instituições para o comércio exterior tiveram uma série de entrevistas muito úteis com os representantes do mundo de negócios do Brasil. Estamos certos de que êste comércio é de mútuo interêsse para o Brasil e União Soviética, e que alcançará em breve, uma ampla escala. O ininterrupto acesso à economia é uma importante condição para o fomento das relações econômicas mùtuamente vantajosas entre a União Soviética e outros países.

Atualmente, o nosso país está empenhado no cumprimento do plano setenal de desenvolvimento da economia nacional da União Soviética. De acôrdo com nosso plano, em 1965, a União Soviética, quanto ao volume de produção industrial, passará ao primeiro lugar no mundo. Os resultados de 1960, segundo ano do setênio, mostrou que essa tarefa está sendo resolvida com sucesso pelo nosso povo. Sòmente no ano de 1960, entraram em funcionamento na União Soviética mais de 1 000 grandes emprêsas industriais e como prova do êxito do nosso país, na ciência e na técnica, temos o lançamento em 12 de abril do ano corrente, da nave satélite cósmica «Vostok», com um homem a bordo, que realizou um vôo em tôrno do globo terrestre e pousou com êxito, numa região predeterminada.

O impetuoso fomento econômico da União Soviética é o alicerce da permanente elevação do nível de vida de nosso país. Hoje em dia constrói-se na União Soviética mais moradias do que nos Estados Unidos, Inglaterra, França, República Federal Alemã, Suécia, Holanda, Bélgica e Suíça, tomadas em conjunto. Para os operários, empregadores e empregados, foi estabelecida a jornada de sete e seis horas de trabalho, revogados os impostos para alguns grupos da população e reduzidos para outros. Em 1965, os impostos sôbre os salários dos operários e empregados serão inteiramente revogados.

Nas instituições de ensino da União Soviética estudam mais de 32 milhões de pessoas. Sòmente nas Universidades da União Soviética estuda um pouco mais do que o dôbro dos estudantes em todos os países capitalistas da Europa, tomados em conjunto.

A divergência entre os dois sistemas sociais pode e deve ser resolvida por meios pacíficos. Não é possível resolver as questões litigiosas entre os Estados pelas fôrças das armas. O sonho secular da humanidade, o mundo sem mágoas, o mundo sem guerras, deve se tornar realidade em nossos dias.

Viemos ao vosso País em missão de boa vontade, com um sentimento de grande satisfação. Queremos, uma vez mais, dizer que estamos sinceramente comovidos pela acolhida que foi prestada aos representantes da União Soviética pela população de Brasília, de Pôrto Alegre, de São Paulo e do Rio de Janeiro, pelas personalidades políticas, sociais e comerciais e pelo presidente Jânio Quadros.

Hoje recebemos, com imensa satisfação, as condecorações outorgadas à nossa delegação pelo presidente da República. Consideramos isso, em primeiro lugar, como um reconhecimento do grande esfôrço do povo soviético para o fortalecimento da paz entre todos os povos. Transmitimos ao povo brasileiro as cordiais saudações do povo soviético. Aspiram ao fortalecimento das relações amistosas entre o povo do Brasil e o da U. Soviética, que são dos maiores países do mundo. Esta aspiração indubitàvelmente, corresponde a alguns dos interêsses de ambos os povos que contribuem para a manutenção e a consolidação da paz sôbre a terra.

Tivemos tôdas as possibilidades para ver tudo que fôsse de interêsse para nós no Brasil e os membros da delegação se empenham para conhecer mais. Ao voltar à nossa pátria, contaremos ao povo soviético, detalhadamente, sôbre o Brasil e sôbre o povo brasileiro. Devemos conhecer-nos melhor. Que se editem na União Soviética mais livros de escritores brasileiros, e no Brasil mais livros soviéticos. Que em nosso país se ouça mais freqüentemente a vossa ardente música e no Brasil a música dos compositores soviéticos. Que se encontrem mais freqüentemente, em calorosas discussões criadoras, os nossos cientistas, críticos de arte e técnicos. Somos a favor de embates em campos esportivos e estádios. Não importa que alguns dos nossos torcedores experimentem o amargor da derrota de sua equipe, como aconteceu com os nossos torcedores soviéticos no último Campeonato Mundial de Futebol, uma vez que o resultado dêsses embates é a vitória da causa da paz e da amizade entre os povos. Não duvidamos que na luta pela paz e pela amizade entre os povos do mundo inteiro, o maior e mais nobre embate da atualidade, os povos soviético e brasileiro estarão sempre juntos.

Concluindo, permito-me, em nome da nossa delegação, agradecer as atenções e, aproveitando esta oportunidade, fazer votos de felicidade e prosperidade ao povo brasileiro, amante da paz. Paz e amizade. Muito obrigado.»

JÂNIO ACEITOU CONVITE PARA VOLTAR À URSS

O presidente Jânio Quadros aceitou o convite de Kruschiov para visitar a URSS, o que fará em data a ser oportunamente marcada. A aceitação oficial do convite está contida na resposta à mensagem enviada pelo primeiro-ministro da União Soviética ao chefe da Nação e que foi entregue pelo Itamarati aos integrantes da missão de boa-vontade soviética que visitou o Brasil.

Em sua resposta aos líderes do govêrno soviético, segundo se anuncia, o presidente da República reafirma que o reatamento de relações diplomáticas entre os dois países está em fase final de estudos na chancelaria brasileira e a posição do Brasil em defesa da autodeterminação dos povos.

EM TROMBAS E FORMOSO (GOIÁS)

Posseiros Pegaram em Armas Para Responder à Violência Dos Grileiros

Reportagem de Rui Facó, enviado especial de NR (2ª de uma série)

Aquêle gesto das mulheres dispondo-se a irem elas mesmas para os piquetes não era uma fanfarronada nem um desafio aos homens. Já estava na consciência da maioria dos habitantes da região de Formoso-Trombas que não havia outra alternativa senão resistir ou morrer.

Vemos então que longa luta se travara na psicologia daquela gente simples, desde as primeiras escaramuças da polícia e dos capangas com os posseiros até a decisão final dêstes de pegarem em armas para enfrentá-los. De início — contaram-me — eram poucos os que se dispunham a fazê-lo. Firmino tinha "peneirado" ao aguçar-se a refrega. Biinha se havia deixado corromper. Mas João Soares dos Santos, o chefe pessedista de Formoso, continuava a perseguir indistintamente todos os posseiros. Os grileiros não admitiam qualquer acôrdo, não faziam concessão de espécie alguma: seu propósito irremovível era avassalar tôdas as terras, fôssem de cultura ou de campo (pastagem), tomar tôdas as posses já estabelecidas, por mais antigas que fôssem.

Os acontecimentos ulteriores viriam confirmar que era êste e não outro o seu objetivo, e para tanto contavam com a ajuda de seus capangas e da própria polícia militar de Goiás, useira e vezeira em assaltos para proteger os assaltos dos grileiros.

UM CAMINHÃO SOB LONA

Certa noite aconteceu o que não deveria ter acontecido.

A ordem dada pelos chefes a todos os piquetes que guardavam a estrada era não deixarem passar nenhum veículo. Na zona, sabidamente conflagrada, ninguém se atreveria a passar a não ser a polícia. E todos sabiam o que a polícia queria. Os caminhões da polícia, carregados de soldados, vinham até Formoso. Mas os 26 quilômetros que separavam Formoso de Trombas lhes eram defesos. Estrada dificílima ainda hoje, onde não se pode viajar a mais de 20 quilômetros horários, cortada por vários córregos, alguns sem pontes, mesmo essas "pontes" abismais das pinguelas, qualquer veículo poderia ser detido com relativa facilidade.

Mas, quem sabe, seria inteiramente improvável a vinda de algum caminhão que não fôsse da polícia? Trombas já possuía suas modestas casas de comércio, que se abasteciam em Anápolis...

No meio da noite o primeiro piquête mais próximo a Formoso ouviu o ruído de um motor que se aproximava. Faróis iluminaram as árvores, as trilhas incertas do caminho... Era um caminhão, agora bem visível. Estava coberto de lona. Coberto de lona, assim, em noite chuvosa, deveria ser um caminhão de mercadorias. Como atirar em homens que talvez nada tivessem a ver com aquela luta...? E se tombasse algum inocente, se se derramasse inùtilmente sangue humano?...

O chefe do piquête transmitiu êstes argumentos — estas possibilidades — a seus companheiros. E resolveram não atirar.

O caminhão passou, aos trancos e barrancos, roncando cada vez mais seus motores, sem pressentir sequer que nas proximidades era vigiado, que havia armas apontadas contra êle, que havia ali homens que prezavam a vida humana.

Mais algum tempo e chegava ao patrimônio de Trombas. Chegava, e de sob a lona molhada, escorrendo, desciam soldados da polícia e capangas dos grileiros.

O patrimônio deserto quase. Numa ou noutra casa havia gente, mulheres e crianças. Todos os homens válidos — os que tinham compreendido a necessidade de resistir e lutar — estavam em armas nos piquêtes ou ajudando-os por não serem suficientes as armas de que dispunham. As famílias no mato, perto dos maridos.

OUTRO CAMINHÃO

Tendo passado o primeiro — que era realmente o primeiro desde o início da resistência — seria fácil passar o segundo. E o segundo caminhão se aproximou. Ao chegar ao córrego do Sapato, um piquête a postos abre fogo contra êle. Não responde. Acelera o motor e procura passar. Consegue-o. Vai juntar-se ao que já se encontrava em Trombas.

Ao amanhecer do dia, as casas são varejadas pela polícia. Os moradores restantes são detidos para interrogatórios e ameaças. No varejamento das míseras casas — à procura de armas — e "livros comunistas", diziam — soldados e capangas iam arrecadando tudo o que encontravam de alguma utilidade, desde alimentos até um velho par de calçados, galinhas e ovos.

DEPOIMENTO DE EMERENCIANA

Quando a polícia chegou, esta mulher — Emerenciana Costa da Silva — era uma das raras que se tinham atrevido a ficar em Trombas. Sua aparência é de mais juventude do que a idade que tem: 38 anos, 4 filhos e 5 netos. Tinha vindo morar em Trombas havia pouco mais de um ano, em 1954. Hoje ela me conta:

— A polícia chegava e não encontrava um homem aqui. Pegava a nós, mulheres, e dizia: Onde está teu marido?! Te meto êste rifle pela bôca para sair embaixo e quero ver se tu não diz onde está teu marido...

Queriam saber onde estavam Firmino, Fulano, Beltrano...

— Eu não sei, sou uma chegante — respondia. E êles diziam:

— E', quando a gente vira as costas todo mundo é comunista; quando se chega, todo mundo é inocente...

Eu não sabia mesmo onde andava Porfírio nem os outros. "Êle" quase não aparecia, morava longe, no Onça... Pensei que iam me matar... Quando êles se afastaram, fui para o corrente, mais voltei. Êles vieram novamente, meteram as metralhadoras dentro de casa. Pegaram um velhinho, Pedro Pereira do Lago (hoje morto) e mandaram o fusil nas costas dêle. Fizeram o velho tirar o sapato e mandaram o fusil no pé dêle.

— Conta, comunista, por que tu não conta...

O patrimônio estava vazio de tudo, que não se via nem fumaça sair de nenhuma casa. Resolvi ir-me embora. Disse aos soldados.

— A senhora vai como? perguntaram.

— Nós vai de-a-pé, respondi.

— A senhora tem coragem... Por isso aí tudo está cheio de piquête do Zé Porfírio. Êsses bandidos matam a senhora...

Ofereceram o caminhão, quando êles voltassem do córrego do Onça, pois estavam decididos a irem às casas dos parentes de Porfírio.

E foram.

Eu segui com os filhos, de-a-pé, cinco léguas, até Formoso. No outro dia fômos para Uruaçu.

O FARMACÊUTICO

A história de Emerenciana continua. Mas, para acompanhar a marcha dos acontecimentos em Trombas, naquele dia de março de 56, vejamos êste outro depoimento, de um dos resistentes de Trombas, Geraldão, o mineiro Geraldo Marques da Silva. E' um mulato alto, forte, extremamente simpático, fisionomia serena e decidida, olhos argutos e inteligentes, algo maliciosos.

— Certa feita, nas águas — me conta — sentimos que a ameaça de violências da polícia e dos capangas aumentava. Havia aqui um farmacêutico-prático, de nome Alencar, que se mostrava muito amigo da gente. Compadre Porfírio (nesse tempo ainda não era meu compadre) me dizia sempre: Bom sujeito êsse farmacêutico. Pode interessar...

Um dia êle se aproximou quando eu estava conversando com compadre Porfírio, ali, na pracinha. Era bem-falante, usava palavras bonitas. Mas do jeito como êle olhava o compadre Porfírio, da cabeça aos pés, eu desconfiei, e disse comigo: "Não, êste não está com a gente, êste não interessa, êste é dos nossos inimigos..."

Como de fato. No outro dia, quando a polícia vinha, nós tivemos a notícia antecipada. Conversamos com os outros e resolvemos cair fora, seguir para a Serra Dourada. João Porfírio irmão do compadre Zé Porfírio, disse para a gente:

— Qual nada! Se a polícia tiver que me prender, que vá prender em minha casa, no Onça...

Êle pensava que ela não fôsse. Mas nós não conseguimos convencê-lo a nos acompanhar. Êle ficou. Fomos eu e compadre Zé Porfírio. Daí a pouco chegava a polícia. Ao seu encontro foi logo, esbravejando, o farmacêutico:

— Como vocês fazem uma coisa destas comigo?! Porfírio já foi embora, junto com um negrão, Geraldo...

A polícia não perdeu tempo. Seguiu para o Onça e foi direto à casa de João, irmão de compadre Porfírio. Rebuscou tudo, procurando armas, revirou tudo, levou o que pôde e prendeu João. Tocou fogo na casa dos Porfírios.

Era na época das águas, os córregos cheios. Quando tinham que atravessar um córrego e o farmacêutico e seus amigos da polícia não queriam molhar os pés, João era obrigado a carregar todos êles encanchados no pescoço...

Nós estávamos na Serra Dourada quando soubemos que a polícia ia no nosso encalço. Não esperamos por ela, que chegou logo depois que nós partimos. Resolvemos seguir para Formoso, para libertar João... Eramos 16...

— E vocês tinham armas?

— As necessárias... No caminho topamos com outro grupo de companheiros, também já armados. Formamos 22 ao todo.

Antes de entrar em Formoso, mandamos duas mulheres até lá saber o que se passava, como estava o ambiente...

Elas foram. Quando voltaram trouxeram uma boa notícia: João já tinha sido sôlto...

Geraldo faz uma pausa. Eu lhe pergunto, lembrando-me do início da conversa:

— Que fim levou o farmacêutico?...

Êle vacila um segundo em responder. Mas diz, com voz tranquila:

— Mau fim... Apareceu morto, tempos depois, em frente à igreja. Trombas continuava quase deserta, e o corpo ficou exposto, ao relento, durante 11 dias. Cresceu que parecia uma bola. Quando enterraram o cadáver estava enorme...

Emerenciana termina sua história:

— Quando voltei, dois meses depois, a situação estava mudada. Mas a casa estava que nem uma igreja: não tinha louça, nem nada do que tinha deixado de objetos. Tinham levado tudo: o de comer e o de carregar. Tudo o que estava pronto para o casamento da filha mais velha, até as galinhas, latas de manteiga, latas com farinha de trigo — comeram tudo!

Não fui eu a única vítima. Quando voltei soube do que tinha acontecido bem ali, no Aleixo. Os soldados invadiram as casas, onde também só havia mulheres, desrespeitaram as mulheres, provocaram o abôrto de uma delas com pancadas de fuzil...

E como se desculpando por ter conseguido escapar a tempo a estas humilhações e torturas:

— Quem compreendia as coisas, como os Porfírios, podia não ter mêdo. Mas eu, que era neutra?!... Eu tinha mêdo de tudo! E os soldados diziam:

— "Aqui é terra de comunistas, de ladrão, desordeiro... Depois, eu vi que quem roubava era a polícia. Quando a luta se acendeu, eu vi quem era que não prestava. Eu só soube que esta turma estava lutando pela terra depois que saí daqui. Então voltei. Vi que aqui ninguém quer mais nada do que a terra...

Dois homens assistem à narrativa de Emerenciana: seu marido, Luís Aurélio da Costa, e um passante, cuja montaria está à porta, esperando. É êste último, de nome Norberto Pereira do Lago, que mora a uma légua distante, à beira do ribeirão da O n ç a, quem acrescenta:

— Quando a luta começou, as famílias foram levadas para o outro lado da Serra Dourada, a umas 5 léguas. Os homens vinham, noite morta, às suas casas, em Trombas, para levar alguma coisa de comer. Eramos como ladrões de nossas próprias casas. Entravamos pelos fundos, para não sermos vistas... As famílias passaram lá na serra uns dois meses. O velho meu pai tomou mêdo de vir, pois tinha sido espancado de fuzil, quando veio, um dia, buscar dinheiro para uma nora. Prenderam êle e levaram de avião para Goiânia, junto com mais dois velhos, todos acusados de comunistas. N ã o podiam prender os homens, prendiam mulheres e velhos...

A VOLTA DOS CAMINHÕES

Foram mulheres e velhos que encheram os dois caminhões da polícia militar que tinham chegado até Trombas e o ribeirão da Onça.

Os soldados sabiam que os homens não estavam em Trombas, não estavam no pé da serra Dourada; estavam no mato. Se alguns se escondiam, outros empunhavam armas na defesa de suas terras. Voltaram soldados e capangas, transidos de mêdo. As mulheres e os velhos seriam a sua salvaguarda. Ou teriam os piquetes a audácia de fazerem fogo sôbre os caminhões?...

O capitão Silveira, da polícia militar, sobrevoava a região de Formoso. Via grupos de camponeses fugindo para se ocultarem na mata e alarmou: Eram bandos armados... A notícia espalhou-se. Corria também que 400 camponeses iam invadir Formoso — ainda em poder do chefe pessedista e grileiro João Soares dos Santos — e Porangatu. Na realidade, havia em tôda a região apenas algumas dezenas de homens armados. A sua vantagem sôbre a polícia era entretanto enorme: conheciam aquelas matas como a palma da mão, podiam enfrentar grupos de polícias e capangas muito mais numerosos...

Não vacilaram, assim, os piquetes em atacar os caminhões da polícia que voltavam de Trombas, aonde haviam ido em expedição punitiva. Ao ouvirem o ruído dos motores, não tiveram mais vacilação: abriram fogo. Os veículos pararam, e no silêncio da mata se ouviram os gritos angustiados das mulheres e chôro das crianças que lotavam os carros.

— Não atirem, pelo amor de Deus!... Por todos os santos não atirem!... — gritavam as mulheres.

Os homens dos piquetes ouviram o alarido. Mas a seu encontro marchava um soldado, no meio do mato, de arma empunhada, parecendo uma fúria. Um tiro certeiro deteve-o para sempre. As mulheres continuavam a gritar. Os tiros pipocavam.

Se cessassem o fogo e permanecessem em seu lugar, a polícia e os capangas poderiam vir sôbre êles e esmagá-los.

— Então não se aproximem! — replicaram os posseiros armados.

E deixaram seu abrigo, a barranca do córrego do Sapato, depois de 45 minutos de fogo.

Os caminhões passaram.

Deixaram atrás de si, na frente, por todo lado, a história tenebrosa das atrocidades praticadas pelos soldados e pelos capangas. Quando regressei de Trombas, no Entroncamento (Santa Teresa), em modesto restaurante da estrada, uma mulher já idosa — Luísa Fernandes da Silva — que morara em Trombas, recorda ainda horrorizada os crimes praticados pelo famigerado major Agripino e outros contra pobres posseiros da região de Formoso. Fala-me de três homens espancados durante quase um mês e obrigados a comer excrementos e sapos para que dissessem o que a polícia queria que êles dissessem e que êles não sabiam. Um outro, amarrado num tronco de pau e morto com cinco tiros. Disseram, depois, que tinha morrido do coração. Sim, uma das balas lhe havia atravessado o coração...

Fantasia?

Veja, leitor, o que noticiava há pouco o respeitável órgão conservador "Jornal do Brasil" (de 27 de junho de 1961, primeira página):

"Camponês ferrado como boi".

Recife (Do correspondente).

— O lavrador Angelo Delmiro, por fazer parte das Ligas Camponesas e ter-se recusado a abandonar, com sua família, o Engenho da Pedra, no Município de Água Prêta, foi sacrificado a fogo, da mesma maneira como é ferrado o gado na região. Angelo foi arrastado de sua palhoça até o tronco de uma árvore, sendo ali amarrado, fortemente, por seis caboclos, e ferrado, na coxa, pelo capataz, com as iniciais do senhor do engenho".

Êste fato necessita de algum comentário? Nada mais do que dizer-se que, enquanto subsistir a grande propriedade latifundiária semifeudal, com seu poder econômico ainda avassalador em muitas regiões, fatos como êstes continuarão a repetir-se, sejam chefes de govêrno Juscelino ou Jânio, mande-se ou não abrir inquéritos em tôrno de tais crimes. Porque o maior crime é a sobrevivência do regime semifeudal.

ISTO É TROMBAS

Os posseiros da região de Formoso-Trombas ainda hoje vivem em casas que são o retrato vivo da miséria que impera em todo o interior do Centro-Oeste. As casas são de taipa, chão de barro batido, as paredes gretadas — ninho para o «barbeiro», o inseto que espalha por todo o Goiás a moléstia-de-chagas. Os habitantes destas casas, em sua maioria ainda hoje vivem na pobreza. Acabam de libertar-se da exploração dos grandes proprietários de terra do Maranhão, de Minas, da Bahia e de Goiás mesmo. De armas nas mãos, êstes homens aparentemente débeis, conquistaram a terra para trabalhar. Foram homens como êstes que enfrentaram a polícia e os bandidos dos grileiros, e venceram

AQUI TOMBOU UM POSSEIRO

A cruz simples sôbre a terra rasa é o marco que assinala a queda de um combatente destemido na luta árdua travada entre posseiros e a polícia militar a serviço dos grileiros. A luta pela terra foi a causa direta e imediata do drama vivido pelos posseiros. Só a mata, o cerrado, foi testemunha. Na beira dos córregos silenciosos desenrolaram-se lances de bravura de homens rústicos que combatiam pelo direito à vida, e neste combate não temeram enfrentar inimigos superiormente armados. A unidade dos posseiros lhes deu a vitória. A Associação foi o instrumento decisivo dessa vitória.

BELO HORIZONTE

Homens do Campo Farão Congresso: Reforma Agrária

"O desenvolvimento econômico e social do Brasil exige a solução de sua questão agrária. Milhões de trabalhadores sem terra trabalham nos campos, enfrentando, sobretudo dentro das grandes propriedades agrícolas, enormes dificuldades... Apesar de vir crescendo a organização dos trabalhadores e dos lavradores sem terra, ela ainda não é suficientemente forte para lhes garantir o usufruto dos direitos já consagrados na Constituição Federal..." — o manifesto de convocação do 1.º Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, que se realizará em Belo Horizonte nos dias 1, 2, e 3 de outubro próximo, assinala os objetivos do certame e a sua importância num momento em que cresce em todo o país o movimento em favor de uma solução para a questão agrária no Brasil.

Patrocinado por dezenas de organizações sindicais de todo o Brasil,] de lavradores e assalariados agrícolas, e pela ULTAB, o Congresso está sendo organizado por uma comissão já designada que preparou a ordem-do-dia e o temário das reuniões.

A abertura solene da manifestação será presidida pelo presidente da República, e no seu encerramento deverá estar presente o sr. João Goulart, vice-presidente.

TEMÁRIO

E' o seguinte o temário aprovado para o conclave:

1.º — SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA DA PROPRIEDADE E DO USO DA TERRA NO BRASIL:
— A Reforma Agrária e a Constituição Federal.
— Reforma Agrária e o Código Civil Brasileiro.
— O prêço da terra.
— Terras públicas (da União, dos Estados e municípios), terras de propriedade privada.
— Condições de venda da terra (prazos, juros, etc.).
— Limites (máximo e mínimo) da propriedade da terra.
— Formas de propriedades da terra.
— A propriedade dos posseiros.
— Problemas de colonização.
— Empréstimos e financiamentos.

2.º — MEDIDAS IMEDIATAS E PARCIAIS DE REFORMA AGRÁRIA:
— Utilização de terras do Estado, para formação de núcleos de colonização.
— Legalização da situação dos atuais posseiros.
— Defesa contra a grilagem.
— Medidas imediatas para o nordeste.

3º - FORMAS DE ARRENDAMENTO E PARCERIA:
— Regulamentação legal dos contratos de arrendamento e parceria.
— Taxas (limites máximos), prazos contratuais, indenização por benfeitorias, etc.
— Lei do inquilinato e aluguel da terra.

4.º — DIREITO DOS PEQUENOS E MÉDIOS PROPRIETARIOS RURAIS:
— Defesa das propriedades.
— Impostos, taxas e coação fiscal.
— Impôsto territorial rural.

5.º — AJUDA AOS CULTIVADORES AGRICOLAS:
— Ajuda técnica e financeira.
— Créditos.
— Preços mínimos.
— Incentivo à mecanização e à técnica.
— Estímulo ao cooperativismo.
— Fomento da produção agrícola.
— Defesa contra a ação dos monopólios, açambarcadores, intermediários e atravessadores.

6.º — ASSALARIADOS E SIMI-ASSALARIADOS RURAIS:
— Legislação trabalhista (aplicação e extensão).
— Salários atuais e salário mínimo.
— Melhoria das condições de vida e de trabalho.

7.º — ORGANIZAÇÃO DAS MASSAS TRABALHADORAS DO CAMPO:
— Os assalariados e semeassalariados rurais e a organização sindical.
— Organização independente dos pequenos e médios lavradores e suas formas.

8.º — REIVINDICAÇÕES DEMOCRÁTICAS:
— Direitos civis e políticos.
— Direito de voto aos analfabetos.
— Regulamentação democrática do direito de greve.
— Liberdade de manifestação de pensamento, de reunião e de associação.
— Garantias contra os despejos.
— Liberdade de plantio, compra e venda.
— Defesa contra as formas de coação econômica e extra-econômica.

9.º — REIVINDICAÇÕES SOCIAIS:
— Previdência Social (art. 166 etc.).
— Serviço Social Rural.
— Direitos da mulher, do jovem e da criança.
— Educação e Saúde Pública
— Endemias.
— Assistência médica e hospitalar.
— Alfabetização e Instrução.
— Proteção contra as calamidades.

ADESÕES

A comissão organizadora do certame instalou sua sede na capital mineira e está recebendo adesões de todo o país. Estas poderão ser enviadas ou comunicadas ao seguinte endereço: avenida Afonso Pena, 867, 10.º andar, sala 1.001 — Belo Horizonte Minas Gerais.

Latifundiários do Paraná Querem Envenenar a Água Para Expulsar os Posseiros

Novos aspectos, brutais, vêm demonstrar que os latifundiários e os grileiros do Paraná recorrem a todos os meios para impedir que a luta que se trava atualmente no Sudoeste do Estado venha a culminar com a vitória dos posseiros que, armas na mão, defendem suas terras dos constantes assaltos de jagunços apoiados em fôrças das milícias estaduais.

Recentes notícias chegadas de Curitiba trazem à luz a monstruosidade dos donos da Companhia Colonizadora Criciúma, que, conforme consta nos autos do processo existente na Delegacia de Foz do Iguaçu, através de palavras do advogado Flávio Perdoná, um dos contratados para expulsar os colonos instalados nas terras cobiçadas pela companhia, diante das dificuldades de realizar a grilagem, «como a companhia nem a Justiça podiam com os posseiros, os poços de água da região seriam contaminados com veneno».

Um dos posseiros ameaçados, Leonardo Vichoski, depondo perante o escrivão de polícia, relatou que, na ocasião, a espôsa de Olívio Perdoná, irmão de Flávio Perdoná, desconfiando de forte cheiro que exalava de uma mala que se encontrava no quarto do casal, arrancou a fechadura e encontrou uma lata de veneno «Tatuzinho» e uma garrafa de «Bidu» contendo éter.

100 MIL CRUZEIROS

Uma das testemunhas arroladas no processo, Otávio do Amaral, contou à polícia que foi visitado, há algum tempo, por Flávio Perdoná, que lá foi tratar de assuntos relacionados com os interêsses da Colonizadora Criciúma, oferecendo 100 mil cruzeiros como pagamento da tarefa de envenenar os poços de propriedade de Bernardino Velho, João Benitez e Leonardo Vichoski.

A proposta foi recusada pois o homem encarregado da execução do crime ficou com «pena das crianças e mulheres residentes naquelas posses».

JAGUNÇO CONTRATADO

Bernardino Velho, um dos mais antigos posseiros da região, declarou à polícia que Silvino Dal Bó (proprietário da Colonizadora Criciúma) ofereceu a Darci Piovesan, um dos mais perigosos jagunços que infestam a região, cem mil cruzeiros para que êle executasse o envenenamento. Mais tarde a quantia foi dobrada para duzentos mil cruzeiros.

Afirma-se que também um cidadão paraguaio foi «cantado» para envenenar as águas.

NOVOS RUMOS

Vereadores de Maceió Unânimes: Revogação Imediata do Art. 58

A Câmara Municipal de Maceió, em sua sessão ordinária do dia 10 do corrente, aprovou por unanimidade um requerimento do vereador Renaldo Siqueira, onde o edil apela para a revogação do artigo 58 da Lei Eleitoral, que proíbe a apresentação de candidatos comunistas.

Publicamos abaixo a íntegra do requerimento:

"Considerando que o art. 58 da Lei Eleitoral não atende realmente aos direitos políticos e nem expressa o verdadeiro sentimento democrático do povo brasileiro;

"Considerando que tramita na Câmara Federal um Projeto de Lei já aprovado na Comissão de Constituição e Justiça que expressa a real soberania da vontade popular;

"Requeiro à Mesa, depois de ouvir o plenário, esta Casa dirija um apêlo ao presidente da Câmara Federal no sentido de que seja dada tramitação à matéria e conseqüentemente sua aprovação.

"S. S. da Câmara Municipal de Maceió, em 10 de julho de 1961".

ASMOB-MILANO ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO
ARQUIVO ASTROJILDO 1890-1965